

CASA EDITORA
O CLARIM

A VISÃO ESPIRITA DO

Sono *e dos* Sonhos

Carlos Bernardo Loureiro



**A VISÃO ESPÍRITA
DO SONO
E DOS SONHOS**

Esse livro foi escaneado por Tiago Melo Casal, em 2004, de acordo com a
Lei 9.610, de 19/02/1998. TÍTULO III; Capítulo IV; Art. 46; I; d);

A Visão Espírita do Sono e dos Sonhos
CARLOS BERNARDO LOUREIRO

A VISÃO ESPÍRITA DO SONO E DOS SONHOS

Capa: Marcelo Adriano Loureiro

(1ª edição: 10.000 exemplares - Fevereiro/1996) 3ª edição

15.001 A 20.000 exemplares ABRIL – 2000

Composto e Impresso:

Gráfica da Casa Editora O Clarim (Propriedade do Centro Espírita "Amantes da Pobreza").

Fone: (0XX16) 282-1066 - Fax: (0XX16) 282-1647 C.G.C. 52313780/0001-23 - Inscr. Est. 441002767116

Rua Rui Barbosa, 1070 – Cx. Postal, 09CEP 15990-000 – Matão – SP

home page: <http://www.oclarim.com.br>

E-mail: oclarim@oclarim.com.br

FICHA CATALOGRÁFICA

(C.D.D.) CLASSIFICAÇÃO DECIMAL DEWEY

133.901

LOUREIRO, Carlos Bernardo

A VISÃO ESPÍRITA DO SONO E DOS SONHOS

Casa Editora O ClarimMatão, SP – Brasil

144 Páginas – 13x18cm

BIBLIOGRAFIA

ISBN – 85-7357-027-X

ÍNDICES PARA CATALOGO SISTEMÁTICO

133.9 Espiritismo

133.901 Filosofia e Teoria

133.91 Mediunidade

133.92 Fenómenos Físicos

133.93 Fenómenos Psíquicos

AGRADECIMENTOS DA EDITORA

Foi possível a edição desta obra, devido a valiosa colaboração da equipe de nossos funcionários, bem como dos amigos:

Dr. Alberto de Souza Rocha

Gregorio Perche de Meneses

Ivan Costa

ÍNDICE

PREFACIO.....	13
A TÍTULO DE INTRODUÇÃO.....	15
PALAVRAS DE CHARLES RICHEL.....	19
I. A SAGA EXTRAORDINÁRIA DOS SONHOS.....	21
II. O SONHO NA BÍBLIA.....	29
III. A ARTE LITERÁRIA ONÍRICA NO OCIDENTE.....	33
IV. OS ESTADOS CONSCIENCIAIS ONÍRICOS.....	37
V. PROVAS MATERIAIS DA ATIVIDADE DA ALMA DURANTE O SONO.....	41
VI. MEMÓRIA LATENTE.....	47
VII. SONHOS CLARIVIDENTES PROVOCADOS POR HIPNOSE.....	53
VIII. AS TEORIAS PSICANALÍTICAS.....	57
IX. A CRÍTICA DE JUNG À INTERPRETAÇÃO FREUDIANA DOS SONHOS.....	61
X. UM DESAFIO À PSICANÁLISE.....	69
XI. A TEORIA GESTÁLTICA DOS SONHOS.....	73
XII. O SONHO E O GÊNIO.....	77
XIII. SONHOS LÚCIDOS.....	82
XIV. MENSAGENS ONÍRICAS DIURNAS.....	89
A Visão Espírita do Sono e dos Sonhos	9
XV. VISÃO ESPÍRITA DO SONO E DOS SONHOS.....	95
XVI. TEMPO E ESPAÇO, ESTES DESCONHECIDOS.....	103
XVII. OUTRAS PESQUISAS SOBRE OS SONHOS PREMONITÓRIOS.....	109
XVIII. A LEI DA RELAÇÃO PSÍQUICA DE ERNESTO BOZZANO.....	118
XIX. O PIONEIRISMO DE ALLAN KARDEC.....	124
XX. SONHOS – AS CAUSAS DO ESQUECIMENTO E AS TÉCNICAS DE LEMBRANÇA.....	131
AO LEITOR.....	135
BIBLIOGRAFIA.....	137

Esta é uma tentativa de lançar algumas pálidas luzes sobre a face escura dos sonhos. Várias de suas eminentes facetas foram focalizadas, lançando-se mão da multiplicidade de teses que emolduram o processo onírico, que tem a sua gênese nos recessos da alma humana.

O sonho, nas páginas deste livro, é analisado científica e espiritualmente, escoimando-se a tradicional visão supersticiosa e divinatória que lhe costumam, primordialmente, atribuir.

Não há, aqui, pois, interpretações folclóricas e lúdicas do sonho; há, sim, um pugilo de concepções que, contraditórias ou não, são frutos de especulações e experimentos notáveis.

A Visão Espírita do Sono e dos Sonhos

PREFACIO

Motivo de discursos e teses oriundas das mais distintas e diversificadas correntes filosóficas, o entendimento dos mecanismos e significados dos SONHOS apresenta-se, desde as mais remotas culturas até as gerações actuais, como um dos maiores desafios para o conhecimento e controle do próprio ser e do mundo intangível.

Mesmo as sociedades mais primitivas, fossem elas pagãs ou não, formularam teorias que tentaram explicar a cadência de lembranças e imagens cultivadas durante o SONO, as quais muitas vezes se referiam a acontecimentos futuros ou a diálogos com entes já falecidos.

Entretanto, a tentativa de realizar leituras directas ou basear-se unicamente em fundamentos desenvolvidos pelas doutrinas psicológicas vigentes que consideram os SONHOS como projecção do inconsciente ou dos desejos reprimidos, induz a interpretações vãs e erróneas dos mesmos, no A Visão Espírita do Sono e dos Sonhos momento em que não é considerado um elemento preponderante: o Espírito!

É durante o sono que o Espírito, liberto dos condicionamentos físicos impostos pelo corpo, e psicológicos, decorrentes do meio social em que se encontra, passa a exercer suas faculdades de modo integral no ambiente espiritual com o qual se afina. Ao retomar o estado de vigília a "mente" compõe as vivências plenas experimentadas durante o SONO, a partir de fragmentos de imagens mentais, sejam elas reflexos das actividades do dia-a-dia ou do campo espiritual.

Através de relatos dos SONHOS e experiências ocorridas em diferentes circunstâncias e épocas, protagonizados e/ou pesquisados por personalidades de credibilidade incontestável, A VISÃO ESPÍRITA DO SONO E DOS SONHOS traz uma análise própria dos fatos à luz do Espiritismo, confrontando-os com teorias e pressupostos diversos, cuja abordagem atesta a imortalidade da alma e apresenta os SONHOS como memória Espírito-psíquica, fruto do intercâmbio do indivíduo com o plano espiritual no processo de desprendimento da alma durante o SONO.

Salvador, Bahia, Setembro, 1994

Andréa Mota Marchesini

A TÍTULO DE INTRODUÇÃO

A ideia de uma possível realidade fundamental dos sonhos atingiu muitos pensadores.

Durante o sonho – disse Heraclito de Éfeso – cada um de nós retorna à sua verdadeira natureza. O filósofo Tchuang – Tsé (369-386a.C.) despertando, após sonhar que era uma borboleta, perguntou: Sou Tchuang-Tsé que sonhou que era uma borboleta, ou uma borboleta que sonha que é Tchuang-Tsé? O filósofo francês Blaise Pascal (1623-1662) afirmou: Além da própria fé, ninguém pode estar seguro de estar desperto ou adormecido. Quem sabe se, quando pensamos que estamos despertos, estamos na realidade adormecidos, e que desse sono saímos quando dormimos? O pensador francês René Descartes (1596-1650) partilhava dessa opinião e proclamou estar totalmente consciente de que não havia nenhum sinal que permitisse distinguir o estado de vigília do estado de sono. Shopenhauer (1778-1860), por seu turno, indagava: Existe um critério sério para distinguir o sonho da realidade? Immanuel Kant e Sir. Thomas Brown, acreditavam que a actividade da alma durante o sono expressava-se nos sonhos. Emersos escreveu: se considerarmos o que acontece nos sonhos, podemos captar muitas indicações que ampliarão e esclarecerão nosso conhecimento sobre o segredo da Natureza. Em seu livro "The Forgotten Language", Erich Fromm, admite que o pior do que tudo é o fato de não entendermos nossos sonhos quando, na vida vigil, temos certeza de compreender tudo aquilo que nos venha à mente. Ao invés de enfrentarmos tão esmagadora prova das limitações de nossa compreensão, preferimos acusar os sonhos de não fazerem sentido. Edgar Cayce ensinava que o primeiro passo para estimular a recordação dos sonhos é dizer a si mesmo, todas as noites, pouco antes de adormecer: Vou recordar meus sonhos. Um bloco de notas, e um lápis devem estar sobre a mesa-de-cabeceira. Isto ajudará a mente subconsciente a despertar a mente consciente (para registrar), no momento em que for concluído um sonho importante. Em seguida o "profeta adormecido" relaciona uma série de importantes benefícios decorrentes dos sonhos:

- a) Compreender a si mesmo e enfrentar-se;
- b) Como orientação prática para o corpo e o Espírito;
- c) Estímulo à criatividade;
- d) Como registro de experiências psíquicas;
- e) Experiências em outras dimensões;
- f) Lembranças de experiências de vidas passadas;
- g) Desenvolvimento de sua natureza espiritual;
- h) O mais importante de tudo: aumento da capacidade para servir ao semelhante, por meio de melhor compreensão de seus problemas e processos de pensamento.

G.I. Gurdjieff enunciava que a maior parte das pessoas não está desperta e que, para ela, a vida é um verdadeiro sonho. Existe apenas um punhado de pessoas que estão realmente despertas. Os homens – sentenciava Gurdjieff – dormem caminhando.

PALAVRAS DE CHARLES RICHEL
PRÉMIO NOBEL DE MEDICINA

Poderemos nós ter a pretensão de limitar a ciência, isto é, o conhecimento do mundo, às noções ínfimas e informes que, laboriosa e penosamente conquistamos, e consignamos nos nossos livros?

Confessemos-lo com plena humildade: não sabemos nada!

A nossa existência, guiada certamente por forças desconhecidas, decorre em trevas profundas.

Estonteados, ignorando tudo do Universo, possuímos, sobre as coisas presentes, apenas concepções vagas, quase infantis. É triste, mas nem por isso deixa de ser verdade.

Tenhamos a coragem de o dizer e de ir um pouco mais longe que os sábios... Valha-nos Deus! Os sábios, ou, pelo menos aqueles que se julgam tais, não podem conjecturar que existe outra coisa além do que vêem e apalpam.

Suponhamos um humilde formigueiro. As formigas que o povoam não podem crer na realidade de um Universo poderoso e longínquo, além da pequena elevação de terra que as abriga.

Conhecem alguns gravetos de lenha, alguns pedacinhos de musgos, deram voltas aos calhaus que se espalham na proximidade de sua modesta habitação; têm certas noções sobre os ribeirinhos que passam perto, sobre algumas aranhas e insectos que encontram na sua vizinhança. E é tudo. Que ideias formam os pobres bichinhos dos oceanos, dos navios couraçados, dos teatros, dos museus, das bibliotecas, dos observatórios?

Têm alguma noção dos mundos planetários e do sol? Poderiam compreender que o mundo solar inteiro é, no Grande Cosmos, enormemente menor do que seu formigueiro na superfície do globo terrestre?

Não somos mais sábios que as formigas. E temos, portanto, o direito de supor a existência de mundos que ultrapassam a nossa mísera pequenez....

(Prefácio ao romance espírita "No Limiar do Mistério", de autoria de Charles Richet, editado pela LAKE).

I. A SAGA EXTRAORDINÁRIA DOS SONHOS

Na mais afastada antiguidade, no Egipto, na Caldeia, na Fenícia, na Assíria houve sacerdotes e adivinhos que tinham por ofício interpretar os sonhos, enviados, diziam eles, pela divindade para iluminar os olhos humanos, as trevas do futuro, preveni-los dos perigos etc. Não só interpretavam os sonhos, mas preveniam-nos, por um método de incubação que se praticava correctamente nos templos célebres de Ísis, de Apoio, de Cibele, de Esculápio, de Sérapis e de Hemitréa, ou em antros e cavernas, como a tão famosa de Trofônio.

Os que queriam ter sonhos proféticos entregavam-se, sob a direcção dos sacerdotes, a certas práticas que consistiam em preces, evocações, inspirações de vapores narcóticos, unções com pomadas mágicas etc.

OS GREGOS

Afirma-se, em princípio, que os gregos não tinham sonhos, eram visitados por eles. Da Grécia, ao longo dos sete séculos que separam Heraclito de Artemidoro, têm origem todas as teorias sobre os sonhos – materialistas, místicas, analistas, ocultas e médicas. Homero dividira os sonhos em dois grupos: do primeiro faziam parte os verdadeiros, os que fluíam dos Portões de Chifos; do segundo, os falsos, os que vinham pelos Portões de Marfim.

Enquanto isso, Hipócrates (o pai da medicina) admite que a alma, inteiramente ocupada com as funções corporais, quando em estado de vigília, é capaz, durante o sono, de perceber as causas das doenças.

Quando acordadas – segundo Heraclito – as pessoas têm o mesmo mundo em comum; ao dormir, cada um tem seu mundo particular.

Para o filósofo de Éfeso, consciência é fogo, vida, conhecimento, e, tanto no sono como na morte, a alma escapa desse fogo vital para se afundar na água. Os sonhos e o mundo de cada um ficam próximos a "Okcanos", na névoa húmida do tempo, onde a consciência é alagada por vagos conhecimentos.

Aristóteles, o notável estagirista, afirmava que os sonhos não sofriam interferências divinas, porque se fossem realmente enviados pelos deuses, deveriam ser recebidos apenas pelos homens mais evoluídos, o que não ocorria. Os sonhos são oriundos do coração – centro dos sentimentos, afectado pelos movimentos orgânicos, que passam despercebidos quando em estado de vigília, devido à força dos apelos sensoriais.

Quem sonha se torna sensível a esses movimentos orgânicos, sendo capaz de prever doenças e determinar sua cura. Dizia ele, por outro lado, que sonhar com amigos íntimos pode muitas vezes resultar em premonição, uma vez que, quando se conhece alguém muito bem, é possível prever suas acções pelo acesso que se tem a suas motivações. O melhor analista de sonhos – esclarece o autor de "Ética a Nicômaco" – é aquele que sabe lidar com as aparências.

Imagens mentais são como imagens reflectidas na água... Um reflexo não é original, nem as imagens são o objecto real.

Em contrapartida à tese aristotélica, surge a dos pitagóricos. Eles criam que, durante o sono, a alma se liberta do corpo e entra em contacto com Espíritos Superiores. Essa postura teria origem nas concepções órficas, e, ainda, na metafísica dos cultos egípcios, em que desponta o duplo (KA), envoltório semi-material do Espírito, observado por Allan Kardec, que o denominou perispírito.

Artemidoro de Éfeso escreveu cinco livros sobre ONEIROCRÍTICA que traduzem o modelo grego de análise do sonho. Para interpretar um sonho, observava Artemidoro, é necessário colher informações sobre quem sonha: seu carácter e temperamento, situação na vida, nome etc.

Conquanto pregasse que "cada sonho é um sonho", porque reflecte a personalidade de uma pessoa em particular, Artemidoro escreveu uma série de sonhos divididos em categorias:

Ficar cego dos dois olhos significa perda de filho, irmão, pai ou mãe. Entretanto, este sonho é bom para quem está na prisão e para muitos pobres; os primeiros não mais verão suas misérias, seus pecados, e os segundos terão ajuda e prazer, pois muitos prestam auxílio aos necessitados...

Se alguém procura algo perdido e tem este sonho, jamais encontrará o que perdeu. Para poetas este sonho é bom, pois eles necessitam de sono profundo antes de versejar; para doentes, traz expectativa de morte durante o dia.

O SONHO NA ODISSEIA E NA ILÍADA

A epopeia é o género literário onde o sonho aparece com rara intensidade. Na Índia é encontrado no Mahabarata e no Ramayana. Na epopeia de Hunumán, o poeta Tulsidas, preso numa torre de pedra, consegue fazer sair do seu sonho um exército de macacos e libertá-lo.

Homero fez uso de motivos oníricos. Na Ilíada, o sonho de Aquiles lembra a "Epopeia de Gilgamés", com Patroclo no papel de Enkidu.

Aparece a seu amigo pedindo que o enterre, para que suas cinzas não se separem jamais e ele possa entrar nos infernos. R. de Becker elucida: Existe grande verdade onírica na figura de Aquiles estendendo os braços a Patroclo e não podendo alcançá-lo, ainda que a sombra volte à terra com gritos apagados e lastimosos.

A obra de Homero é inspirada, na sua totalidade, por um pensamento filosófico relativo à natureza humana e às leis eternas que governam o mundo.

Não lhe escapa nada do essencial da vida humana.

O poeta contempla todo o conhecimento particular à luz do seu conhecimento geral da essência das coisas.

A preferência dos gregos pela poesia gnômica, o uso frequente de exemplos míticos, a expressão onírica, todos esses traços têm a sua origem última em Homero.

Para Homero as últimas fronteiras da ética não são convenções do mero dever, mas leis do ser.

É na penetração do mundo por este amplo sentido da realidade, em relação ao qual todo "realismo" aparece como irreal, que se baseia a força ilimitada da epopeia homérica.

Uma racionalização menos feliz desponta em outras personificações do sonho da Odisseia da Ilíada, onde se manifesta como personagem autónoma. Desse modo, o sonho de Agamemnon toma a forma de um mensageiro enviado por Júpiter, que o engana. Na Ilíada, o sonho surge personificado para Nausicaa e para Penélope. Atenas, a deusa de olhos brilhantes, é sua instigadora.

Penélope, todavia, tem um segundo sonho – os vinte gansos significariam seus pretendentes, mortos pela águia, o marido que afinal regressa.

O próprio Ulisses oferece a sua interpretação a Penélope. É justamente aí que a esposa de Ulisses estabelece a distinção entre os portões do sonho – um de chifre e outro de marfim... Os críticos admitem que o emprego do sonho na obra foi oportuno porque realizou a mediação entre uma circunstância que se havia tornado vulgar e outra cujo carácter excepcional vai manifestar-se. Esta mediação é tanto melhor mais próximo se encontra de um dado onírico autêntico, o que se dá no sonho dos pretendentes e menos no seu primeiro sonho ou no de Nausicaa.

A TRAGÉDIA GREGA – ESQUILO E SÓFOCLES

A tragédia grega de Esquilo e Sófocles atribui ao sonho uma capital importância, a ponto de convertê-lo a "oráculo da divindade".

Em "Os Persas", o sonho da rainha apresenta-se singularmente marcado de presságios que tiveram sua fonte em fatos do cotidiano. Esquilo (525-456 a.C.) preocupa-se em demonstrar uma especial equivalência entre os estados de sonho e de vigília, demonstrando que os símbolos oníricos encontram analogia nos signos da vida.

O triunfo de "Os Persas" (472) assegurou a glória de Esquilo e atraiu a atenção de Híeron, tirano de Saracusa. Daí em diante, Esquilo viveu ora em Atenas, ora na Sicília, fazendo representar quase setenta dramas, que exploravam o universo dos antigos mitos. A lenda atribui sua morte ao impacto de uma tartaruga, que uma águia teria deixado cair sobre sua cabeça.

O lirismo de Esquilo provoca no espectador um sentimento de angústia, mas lhe apresenta a solução harmoniosa dos conflitos que reside na moderação, fundamento da moral ateniense.

Sófocles (495-406 a.C.) compôs 123 dramas. Apenas sete peças nos chegaram inteiras: "Édipo em Colonos" (401); "Filocteto" (409); "Ajax" (420); "M As Traquírias" (420) "; "Electra" (425); "Édipo Rei" (430); "Antígona" (442).

Sófocles imprimiu à técnica teatral notável evolução, ao tempo em que redimensionou o sentido do trágico, aprofundando o estudo dos caracteres (incluindo, aí, os valores oníricos), concentrando-os na mola mestra da ação.

No Islamismo (sobretudo profético), o sonho assume importância fundamental. O Lailatal-Miraj (Jornada Noturna) o maior sonho de Maomé (que o inicia nos mistérios cósmicos) tem início quando ele se encontra dormindo entre as colinas de Safa e Meeva, e o anjo Gabriel se aproxima, montado em Elboraq – a égua prateada meio humana – de que se serviu para, num instante, chegar a Jerusalém, onde o profeta conversa com Abraão, Moisés e Jesus. Continuando a sua jornada, voando em Elboraq e orientado por Gabriel, passa através das setes esferas celestiais, cada qual com uma cor específica, significando os sete níveis da existência. Finalmente aproxima-se de Deus. Há versões do texto em que Maomé não apenas ascende a Deus, mas penetra a profundidade da terra, abarcando, destarte, toda experiência humana.

II. O SONHO NA BÍBLIA

Entre os israelitas os sonhos eram muitas vezes considerados como presságios (Gên. 37, 5-10; 41; Juízes 7,135; Dan. 2,1; 4,2; Est. 10,5; 11, 5-12; Mãe. 15,12) e como revelação de verdades ocultas (16 Sam. 28,6-15 Jó. 4,12-21); algumas vezes como exortações ou avisos da parte de Deus (Jó 7,14; Sab 18,17," Mt 27,19). Poucas vezes são explicados de modo psicológico (Is 29,8; Ecl 5,2). A lei moisaica investia contra profetas e sonhadores que pudessem seduzir o povo para apostatar a Javé (cf. Ecl 34, 1-8). Jeremias (23, 15-18) combate os profetas que querem fazer passar os sonhos de seu próprio coração por palavras de Deus. De outro lado, Deus revela-se às vezes aos profetas por meio de sonhos (Num. 12,6; Dan. 7,1; Jl 3,1); também em outros textos os sonhos são considerados como enviados por Deus (Gên. 20,3; 28,12; 31,24; IRs 3,5; Mt 1,20; 2,12s, 19,22). Como os sonhos são geralmente obscuros, só podem ser interpretados por "sábios" (Gên. 41,8), isto é, na concepção antiga, por adivinhos e feiticeiros (Êx.7,11s22; Dan.2,2;4,3;5,15). Em Israel, porém, a astrologia e a feitiçaria eram proibidas (Lev. 19,26; Dt 18,10) e explicar os sonhos era considerada uma prerrogativa divina (Gên. 40,8;41,16; Dan. 2,28), ou como um dom de Deus (Dan. 1,17) e um efeito do Espírito de Deus (Gên.41,38; Dan 4,5s15; 5,11.4). É conhecido o motivo do sonho duplo (cf. também a visão dupla) que é concedido ao mesmo tempo a duas pessoas diferentes, mas com a mesma finalidade. Esse motivo se encontra, também, no Novo Testamento (Actos 9,10-16; Ananias/Saulo). Um exemplo de uma visão dupla é Actos 8,10,11, envolvendo as figuras do centurião Cornélio e do apóstolo Pedro. Definia-se, aí, o carácter universal do Cristianismo, até então restrito à Lácrare comunidade dos circuncidados.

Na Índia, destaca-se o Mandukya que descreve o estado onírico como o segundo estágio que pode ser ultrapassado para se alcançar a luz. Conforme o Vaisvanara (a realidade objectiva), o Taijasa (estado de sonho) tem "19 bocas", que Sankara explica como os cinco sentidos: audição, tacto, visão, olfacto e paladar; os cinco órgãos que

Geram cinco tipos de acção: fala, manejo, locomoção, geração e excreção; as cinco respirações vitais: o sensorial (manas), o intelecto (buddhí), o egoísmo (ahamkarà) e o pensamento (cilta).

Dormindo ou acordado, o homem experimenta a ilusão dessas "19 bocas". As tradições indianas admitem o paradoxo da "realidade" dos sonhos em paralelo com a "realidade" do estado de vigília, relegando ambos ao status de ilusão.

Pretende-se estabelecer analogia entre a imaterialidade do sonho com a ilusão (maya), em vez de se identificar tal imaterialidade com uma ilusão ulterior, que deve ser "penetrada". E para se "penetrar" em cada estado de consciência preliminar (antes de se alcançar o turiyd) mister se faz passar por eles em plena lucidez, sem Descontinuidade de consciência. Para se manter a consciência sempre clara, deve-se proceder ao controle respiratório (pranayamà), regulado pelo exercício mental da montra aum, balancei furaka (inspiração), recaka (expiração) e kumbhaka (retenção de ar nos pulmões). Respirando sempre devagar, até atingir o ritmo respiratório do sono, o iogue penetra no estado de sonho. Assim, ele começa a entender a ilusão e a resolver o problema da realidade. Quando dorme, sonha com a sua auto-iluminação – ele é um criador!

III. A ARTE LITERÁRIA ONÍRICA NO OCIDENTE

A arte literária onírica do Ocidente, encontra seu ponto mais alto na obra "Peter Ibbetson", de George Du Maurier. Não há outra novela – escreve Raymond de Becker – que nos apresente, como esta, tudo o que a Humanidade pode esperar do sonho. Não basta aos dois protagonistas – separados pelas grades do cárcere – encontrar-se em sonhos a cada noite e viver neles um amor tão intenso e verdadeiro como o que experimentam acordados; e eles sabem, intimamente, que o sonho voltará a uni-los depois da morte. Em suas incursões nocturnas, o casal de amantes vence o tempo e o espaço, remontando ao passado, nas asas da memória ancestral.

Peter Ibbetson revela que o sonho pode ter um significado mais do que alegórico, observado em Racine e até certo ponto em Shakespeare, ou como estrutura latente definida em Dante ou Kafka.

SHAKESPEARE, A EPOPEIA E O SONHO

No Ocidente, assume importância maior o talento inigualável de Shakespeare, considerado o autêntico herdeiro da epopeia e da tragédia antigas. Ele lança mão, na feitura de suas obras-primas, de extraordinária força imagética e onírica.

Em "Sonho de Uma Noite de Verão" (Mid Summer Nighth's Dream), escrita no princípio de sua carreira, em 1593 ou 1594, "é uma mágica, um sonho cheio de graça e poesia". A cena se passa em Atenas (Grécia), por ocasião do casamento do duque Theseu e da amazona Hippolyta. A acção não é senão um tecido complicado e miúdo de intrigas amorosas, que se desdobram durante a noite, numa floresta de sonho, povoada de silfos e fadas.

Nesta floresta perseguiam-se, procuravam-se Hermia, que ama Lysandro e é por ele amada, Demétrio que ama Hermia, e Helena, que ama Demétrio e que Demétrio não ama. No mundo dos silfos e das fadas, não correm melhor as coisas: a rainha Titânia e o rei Oberon questionaram por causa de um pequeno pajem que Oberon reclama e que Titânia não quer ceder. Oberon para fazer a felicidade de Helena e punir Titânia, encarrega seu mensageiro, Puck, de deitar, nas pálpebras dos amantes adormecidos, o suco de uma flor maravilhosa, que os tome Ao despertar amorosos da primeira pessoa que encontrarem. E Helena, no pensar de Oberon, é a primeira pessoa que deve ver Demétrio. Mas Puck engana-se, e é Lysandro que ama Helena, e Helena continua a amar Demétrio.

Titânia fica enamorada de um rústico tecelão de Atenas. Tudo se arranja por fim. Titânia volta-se para Oberon, Lysandro para Hermia, e Demétrio ama Helena. Celebra-se o casamento dos dois pares e do duque Theseu e de Hippolyta, e a peça termina por uma espécie de epitalâmio cantado, em honra dos três pares, por Oberon, Titânia e pêlos silfos.

Félix Mendelssohn (1809-1847) compôs, aos 20 anos de idade, a música que abre a fantástica comédia de Shakespeare. A abertura, tão deliciosa, é uma das primeiras produções de Mendelssohn. Contém uma dezena de trechos; a abertura, os entre-actos sinfónicos, os melodramas, a canção com coro de mulheres, a marcha nupcial, tudo é digno de um grande mestre, tudo produz sensação de perfeição; o sonho se toma uma maravilhosa realidade!

Finalmente, Raymond de Becker sentencia: Entendo que o futuro requeria uma arte em que o sonho seja considerado menos como adjunto do real do que como seu doublé, sua transparência, sua profundidade. A experiência onírica deve desembocar forçosamente numa arte capaz de expressar a relatividade da vida cotidiana,

e esta relatividade não necessita de acessórios fantásticos para ser percebida. O real é fantástico em si mesmo: eis a última visão daquele que sonha!

IV. OS ESTADOS CONSCIENCIAIS ONÍRICOS

É oportuno citar, aqui, as concepções expostas por Leo Talamonti em sua obra "Universo Proibido", sobre os estados conscienciais oníricos. Inicia, o pesquisador italiano, afirmando que somos seres caracterizados por três dimensões espaciais e apenas por meio dos sentidos podemos receber informações vindas do ambiente. Como tudo que se acaba encerrado no universo sensível, estamos submetidos às restrições inexoráveis do espaço, assim como o fluxo igualmente inexorável do tempo. Aí temos coisas inteiramente óbvias, que não seria preciso mencionar, a não ser pela necessidade de pôr em destaque um tipo diferente de resposta que pode ser dada às mesmas perguntas Fundamentais (Que somos? Em que tipo de universo se insere a nossa existência? Quais os limites da personalidade humana?) nas vezes em que se adopte um ponto de vista diferente, isto é, se toma em consideração não a consciência comum (diurna), mas um tipo diferente de consciência, que se apresenta, às vezes, em alguns sonhos dotados de características particulares.

Assim é que Talamonti conclui que os processos mentais desse outro tipo de consciência se acham desvinculados da lógica corrente; além disso, suas percepções são independentes dos sentidos, livre das restrições impostas pelo espaço e desvinculadas das restrições impostas pelo tempo. O fato de que se trate de fenômenos subjectivos não resulta obrigatoriamente que sejam ilusórios, já que é possível, às vezes, determinar relações precisas entre aqueles gêneros de percepções e os aspectos da realidade ordinária aos quais os mesmos se referem.

Impõe-se, destarte, perguntar, diante do raciocínio do autor: deve-se considerar a verdadeira existência aquela que corresponde a um certo gênero de realidades que nos são mais costumeiras? Em tal hipótese, como considerar o tipo diverso de existência ligado à consciência onírica? Pode-se chamar realidade aquela em que parecemos estar vivendo em sonho? Dever-se-ia levar em consideração uma série de fatos, que precisam ser analisados cuidadosamente. Tais fatos gravitam em tomo do fantástico e discutidíssimo mundo nocturno onde vivemos os nossos sonhos e que parece subtrair-se ao controle sistemático de consciência comum. Para um número expressivo de indivíduos, a existência noturna é análoga à da ausência psíquica, da inconsciência e da escuridão. Entretanto, os estudiosos do problema têm admitido que "a mente consciente" constitui, tão-somente, parte do psiquismo total; "que existe uma vida psíquica", chamada indevidamente de "inconsciência", que seria (realmente) anterior à vida consciente. É justamente essa actividade psíquica inconsciente que é o principal protagonista quando a outra, no sono, se retira silenciosamente de cena...

A propósito, eis o que o escritor e psicanalista Erick Fromm (Francforte sobre o Reno 1900-Suíça, 1980) preconizou: O inconsciente só o é em relação ao estado normal de actividade.

Quando se fala do inconsciente está-se, na verdade, dizendo com simplicidade que uma certa experiência é alheia àquele esquema mental que subsiste quando se age; esse é logo considerado elemento emanesciente e estranho, ou alheio, difícil de colher e difícil de recordar.

Mas nosso mundo diurno é tão inconsciente, no que diz respeito à nossa consciência onírica, quanto o é o mundo nocturno com relação à nossa experiência durante a vigília, o tempo em que estamos acordados. São simplesmente estados mentais diversos, que se referem às modalidades existenciais diferentes.

Na verdade, o único elemento de que se dispõe para analisar esse psiquismo no turno e inconsciente acha-se representado na senda tenuíssima dos sonhos, ou mais precisamente, naquela fracção de sonho que se registra na memória consciente.

Aí reside, sem embargo, a profunda complexidade de nossa existência além dos limites condicionantes da esfera corpórea, o que enseja a formulação de teses e teorias que se pretende submeter à reflexão do prezado leitor.

V. PROVAS MATERIAIS DA ATIVIDADE DA ALMA DURANTE O SONO

A alma é um ser essencialmente pensante que permanece activo durante o sono. O trabalho intelectual que realiza quando o corpo descansa e logo se recorda, sob a forma de sonho, pode ser esquecido, e assim acontece habitualmente.

Esse esquecimento não deve servir de prova contra a vida psíquica, a qual persiste apesar da diminuição da actividade nervosa. Esta afirmativa é corroborada por sua manifestação objectiva, ainda quando a pessoa ao despertar, não se lembre de nada.

A enciclopédia de Diderot (Denis, 1713-1784), no verbete "Sonambulismo", relata a história de um jovem sacerdote que se levantava à noite, dirigia-se ao seu escritório e escrevia longos sermões, e retomava ao leito.

Alguns amigos, desejosos de comprovar se o sacerdote, realmente, estava dormindo, ficaram à espreita, e quando ele começou a escrever interpuseram um grosso cartão entre seus olhos e o papel. O sonâmbulo não interrompeu a sua redacção, e, uma vez concluída, voltou à sua cama e continuou a dormir, sem se dar conta da prova a que acabara de ser submetido.

O autor do verbete acrescenta que após escrever uma página, "lia-a" em voz alta, do princípio ao fim, sem o concurso da visão. Se algo lhe desagradava, procedia, imediatamente, à correcção com absoluta justeza.

O Dr. M. Carpenter, em sua obra "Mental Physiology", relata o caso que se segue, obtido de um estudante da Universidade de Amsterdan, que põe em evidência: a) que o trabalho executado pelo sensitivo não é maquinal; b) que pode traduzir-se, como o precedente, pela escrita: Um professor que devia realizar laboriosos e difíceis cálculos matemáticos constatou que não podia encontrar-lhes exacta solução. E isso se devia a erros produzidos nas numerosas cifras empregadas. Encomendou a dez de seus alunos, entre os quais se achava o que se refere ao fato, que o ajudassem a solucionar o problema. Este, depois de trabalhar durante três noites, sem êxito, e após haver recommençado mais uma verificação até a uma hora da manhã, resolveu, contudo, dormir. Ao levantar-se, horas depois, ficou assombrado ao encontrar o problema correctamente resolvido. A escrita era de seu próprio punho. O intrigante é que o trabalho havia sido realizado mediante um método muito mais rápido e seguro que o empregado durante as noites precedentes. O professor, por sua vez, confessou que jamais havia pensado em uma solução tão simples e tão concisa.

O Dr. Alfred Russel Wallace (emulo de Darwin) comentou o fato supracitado em sua obra "Lês Miracles et lês Moderne Spiritualisme": Eis um caso ao qual não se pode aplicar as regras ordinárias da concepção cerebral inconsciente. Com efeito, se empregou uma metodologia de trabalho em que o sujeito desperto não havia jamais cogitado. Este é um caso completamente análogo ao dos médiuns que acusam realizar, em estado de sono, fenómenos incapazes de produzir estando despertos.

Estranho malabarismo – critica o Dr. Russel Wallace -fazem alguns pesquisadores, utilizando-se de uma terminologia que significa chamar inconsciente as acções que requerem, na realidade, a participação de faculdades intelectuais.

Um outro caso, não menos surpreendente: O Dr. R. Daney levou-o à análise dos pesquisadores da "Sociedade para Pesquisas Psíquicas", de Londres, após tê-lo publicado em "Lê Zoist": Meu querido amigo: De acordo com seu desejo, envio-lhe detalhes desse singular sonho, se sonho posso chamá-lo. Achava-me sumamente

Contrariado desde Setembro por causa de um erro em minha contabilidade desse mês. Todos os esforços para localizar o erro resultaram inúteis, até que dei o caso como perdido. Na noite de 11 de Dezembro, porém, sonhei que estava compulsando todos os documentos, livros e talões de cheques, em busca do erro contável que tanto me atormentou. Recordo, perfeitamente, haver tomado uma folha de papel onde fiz anotações que me permitiram corrigir o erro.

Ao despertar, pela manhã, não conservava nenhuma lembrança do sonho. Passei quase o dia todo no escritório, regressando, à tardinha, a minha casa. Ao preparar-me para sair, afim de cumprir um compromisso social, peguei, ao acaso, um pedaço de papel para limpar a navalha com que me barbeara e qual não foi a minha surpresa ao descobrir, ali, a anotação que fizera no sonho. O efeito que produziu em meu ânimo foi tal, que voltei ao escritório, e observando a documentação contável, comprovei, efectivamente, que durante o sonho havia descoberto o erro que não pude achar em estado de vigília. Jamais consegui saber como e em que hora fiz a anotação, ao tempo em que dormia profundamente.... C.J.E.

Os fatos precedentes mostram que esses pensamentos surgem, às vezes, subitamente na consciência, como inspirações estranhas, quando na verdade se trata de recordações que provêm de nossa actividade mental durante o sono.

VI. MEMÓRIA LATENTE

Gabriel Delanne aborda a questão da Memória Latente em sua obra "L'Evolution Animique". Em princípio, afirma Delanne que o mecanismo da memória latente demonstra que muitos fatos completamente esquecidos e que parecem destruídos para sempre têm deixado um rastro indelével na subconsciência, que é a base de nossa individualidade indestrutível: o Espírito!

O ilustre pesquisador francês, com base em criteriosas análises, convence-se do quanto é pertinaz a memória latente, posto que, em sonhos, traz à tona nítidas lembranças julgadas definitivamente esquecidas. E oferece exemplo desse despertar de antigas sensações, tomados do livro "Lê Sommeil et lês Revés"; de autoria do Dr. Alfred Maury: Um tintureiro que havia perdido a visão, descreveu, certo dia, com toda a exactidão, os traços fisionómicos de um de seus primos, que lhe apareceu em sonho, e que não havia visto jamais, nem mesmo antes de perder a visão.

Esta aparente intuição era devida, segundo pôde recordar, a que, muitos anos antes, teve a oportunidade de observar uma fotografia de seu primo em casa de outro parente.

O mesmo autor refere-se ao caso de um capitão, que ficou cego na África, e que a recordação de certas paisagens completamente esquecidas, se havia apresentado em seu espírito com absoluta nitidez.

Em seu artigo sobre "La Conscience Subliminale" publicado em "Annales Phychiques", F. H. Myers relata o caso que se segue: O senhor Brodekeibank perdeu um canivete de pequenas dimensões que habitualmente levava em um de seus bolsos. Seis meses depois, sem que desse mais importância à perda, sonha que o canivete se encontrava em uma calça velha que não mais usava. Ao despertar, constatou a realidade de seu sonho: encontrou, em um dos bolsos da referida calça, o objecto. Se esta recordação se houvesse exteriorizado por escrita automática, e não através de sonho, poder-se-ia atribuir o fenómeno a um ser do Além, que revelara, ao Dr. Brodekeibank, onde se encontrava o canivete, muito embora o fato não assumisse notável importância.

Em seguida, o autor de "L'Evolution Animique", evoca o parecer do Dr. Charles Richet, prémio Nobel de Medicina, que discorre sobre certas peculiaridades mnemónicas dos sonâmbulos. Esses sensitivos, afirma o fundador da Metapsíquica, revelam, com detalhes precisos, os lugares que viram há muito tempo. Após o sono, têm descrito, com exactidão, tal ou qual cidade, visitada em outros tempos, às vezes na infância, como se nelas estivessem na véspera.

Outros sonâmbulos, além de possuírem essa memória fotográfica, quanto a lugares, evidenciaram-na, também, de uma forma realmente peculiar: em estado de sono. "O Sr. X..., exemplifica Richet, "que cantava uma ária de 'A Africana', durante o sono, era incapaz de emitir uma só nota quando estava desperto."

Devemos nos persuadir de que tudo que é assimilado pelo Espírito, consciente ou inconscientemente, pode ou não manifestar-se, dependendo, é claro, de estímulos interiores ou exteriores. Mesmo que o fato não seja extravasado, as imagens que o constituem, perduram, ficam em estado latente. Sempre que as circunstâncias permitam, elas são projectadas. Tais situações são inumeráveis. Sua cartase, muita vez, passa despercebida do próprio agente, dada a suas subtilidades, e mais ainda porque não lhes atribuem qualquer importância.

Essa memória latente tem sido investigada através do tempo. Destacam-se os estudos: do Professor Pierre Janet ("L'Automatisme Psychologique"); do Professor Pitres ("Lençons sur l'Histérie et l'Hipnotisme"); do

Professor Ribot ("Lês Maladies de la Memoire"), e do Professor. F. H. Myers ("Proceedings S.P.R., Automatic Writing").

A eclosão desses registros mnemônicos subconscientes não deve ser confundida (e aí entra a acuidade do pesquisador) como uma intervenção de seres espirituais. Trata-se, então, de fragmentos de vida que são exumados, naturalmente ou por estímulos especiais, das profundezas do Ser.

A excitação extraordinária da memória (estímulos especiais), chamada de hiperminésia, se deve, entre outros factores, a causas mórbidas e a fortes abalos morais. Os anais das pesquisas (raras pesquisas) sobre o momentoso assunto oferecem casos surpreendentes. É célebre, por exemplo, o caso do jovem açougueiro de Bizerta (Itália). Sob a influência de um acesso nervoso, esse jovem recitava, com rara performance, trechos de "Treda", de Racine, tragédia que ouvira uma só vez. Durante os períodos de calma era-lhe impossível recitar, sequer, um verso, a despeito do esforço que fazia nesse sentido.

Observa-se, por outro lado, que os usuários de drogas, incluindo o álcool, podem vivenciar um estado parecido com o sonambulismo, suscitando, assim, a memória subconsciente. T. de Quincey em suas "Confissões de um fumador de ópio" (1) disse que, em estado de transe provocado por esse narcótico, se vive setenta anos ou um século em um minuto. Os mais insignificantes acontecimentos de sua juventude, cenas esquecidas nos seus primeiros anos, eram nitidamente revividos: as imagens se movimentavam com absoluta desenvoltura. Eu não era simples espectador. Vivenciava-as, de tal sorte, que a emoção me dominava integralmente. Não era apenas um sonho, mas a própria realidade em moldura onírica.

Uma outra situação sobretudo especiosa é provocada pela embriaguez profunda. Algo cometido nesse estado, normalmente é lembrado, apenas, em um outro estado de embriaguez. O Professor F. H. Myers conta o caso de um indivíduo que, ébrio, havia furtado um precioso objecto, ocultando-o cuidadosamente. Submetido a interrogatório, não se lembrava de nada. Mas, embriagado novamente, revelou onde o escondera.

Os exemplos de cada género de memória latente são inúmeros, pondo-nos em presença de (1) Ópio: substância extraída de cápsulas maduras de diversas espécies de papoilas soníferas. O uso do ópio mascado ou fumado, provoca euforia, seguida de um sono onírico. O uso repetido conduz ao hábito, à dependência física, e a seguir a uma decadência moral e intelectual. um fato extraordinário: nossa vida mental é indestrutível.

Esquecemos, sem dúvida, a maior parte de ocorrências passadas. Só fica presente em nosso Espírito o que é principal, que serve de pontos de referência à memória. Em suma: tudo subsiste em nossa memória latente, e desse abismo que existe sob a consciência, emergem episódios pertinentes não somente da vida presente, mas também, de vidas passadas, circunstância em que se deve proceder a uma análise cuidadosa e profunda, tentando-se estabelecer os limites que separam o presente do passado.

Poder-se-ia dar continuidade a este trabalho, investindo-se na área assaz complexa das impressões sensoriais inconscientes, traduzidas por imagens e clichés. Recomendamos aos estudiosos a obra "Lês Maladies de la Memoire" do Dr. Théodule Ribot, um pioneiro no campo da psicologia experimental.

VII. SONHOS CLARIVIDENTES PROVOCADOS POR HIPNOSE

O Coronel de Rochas, em artigo publicado na revista "Annales Psychiques", (Maio/Junho de 1901), baseado na obra "Psychologie Expérimentale", do sábio alemão Kari du Prel, relata o que se segue: O grande pesquisador Scherenck-Notzing, de Munique, Alemanha, realizou a seguinte e notável experiência hipnótica com a sensitiva Lina (modelo em Munique): Deu à referida sensitiva a ordem pós-hipnótica de sonhar, na noite seguinte, com uma determinada pessoa, não esquecer o sonho e contá-lo no dia imediato.

O experimentador deu a sensitiva a ordem de sonhar com o senhor F. L.. Lina não o havia visto jamais, nem sabia onde vivia. Esta ordem pós-hipnótica, para se concretizar, seria preciso que a experimentada possuísse a faculdade transcendente de clarividência. Do contrário, ela não poderia, de modo nenhum, dar cumprimento, satisfatoriamente, da tarefa que lhe impunha o hipnotizador. Isto quer dizer que a ordem hipnótica, por si só, não possibilitaria o êxito do empreendimento, o que frustraria, sem, dúvida, o pesquisador. Antes de o trabalho ser levado a efeito, Scherenck-Nolzing convenceu-se de que a jovem Lina era clarividente. Assim, a experiência foi um sucesso. Lina foi levada, à tardinha, para a casa de um dos experimentadores da equipe de Scherenck-Notzing.

Tudo já estava preparado para a experiência. À noite, após submeter-se à hipnose e ter recebido a ordem prevista, Lina entrou em sono profundo. Pela manhã, ao acordar, e em presença dos pesquisadores, contou que durante a noite havia sonhado com um Sr. F. L.. Descreveu exactamente sua pessoa, deu detalhes de sua maneira de falar, sua vestimenta etc. Viu-o sentada numa confortável poltrona, em uma chácara; descreveu o panorama que se

descortinava do lugar (uma varanda) em que se encontrava refastelado o Sr. F. L.. Destacava-se, na paisagem, um belo bosque e um lago. Viu, também, aos pés de referido Sr., um cão São Bernardo, negro etc.

Tudo isso poderia encontrar-se, é verdade, conjectura o ilustre pesquisador alemão, gravado na mente de um dos pesquisadores. Entretanto, eles não conheciam o lugar onde se encontrava o Sr. F. L. nem o que ele estava fazendo nesse lugar. A hipótese de uma transmissão, através do pensamento, dos dados referidos, com exactidão, pela sensitiva, era absolutamente inviável. Ademais, Lina referiu-se, também, à presença de uma senhora que, no momento do registro clarividente, conversava com o Sr. F. L.. Ela, então, minudenciou o seu aspecto: não era a esposa do Sr. F. L. como se poderia, em princípio, supor, mas uma amiga da família, identificada, posteriormente, com base na descrição da sensitiva.

As pesquisas modernas, infelizmente, não permitem um conhecimento real da faculdade da clarividência, em seus múltiplos desdobramentos.

Deve o estudioso inteirar-se dos inúmeros casos publicados (e analisados) nos Anais da Sociedade para Pesquisas Psíquicas, de Londres, e no trabalho de Camille Flammarion, "l'Inconnu et lês Problèmes Psychiques".

VIII. AS TEORIAS PSICANALÍTICAS

Sigmund Freud, o fundador da Psicanálise considerava que os sonhos poderiam originar-se das seguintes situações: a) uma excitação sensorial – o caso de um jovem sonhar que estava sendo guilhotinado no momento em que um pedaço de madeira caía sobre seu pescoço; b) uma sensação subjectiva interna – como quando temos pesadelos causados pela ingestão de muita comida; c) um estímulo somático interno – como no caso de um doente com tumor no estômago sonhar sem cessar que tragava serpentes vivas; ou d) um estímulo puramente psíquico – que seria todo o nosso mundo inconsciente que se exterioriza a fim de fazer com que saibamos de sua existência.

Por que sonhamos?

As teorias psicanalistas informam que os sonhos têm um profundo significado e que quanto maior a quantidade de problemas que enfrentamos, mais actividade onírica experimentamos. Os sonhos, então, mostrariam não somente a personalidade mas a gravidade e complexidade das neuroses.

Freud esclarece que a vigilância do consciente, quando em estado de vigília, impede que se reconheça tudo que afecta o indivíduo; entretanto, quando essa vigilância se afrouxa, o inconsciente vem à tona e os sonhos exprimem o que o preocupa e o atormenta.

Experiências com sonhos começam a ser realizadas, com maior ênfase, a partir da década de 50, quando Nathaniel Kleitman, trabalhando no laboratório da Universidade de Chicago, conseguiu registrar estranhos movimentos oculares que eram produzidos durante certa etapa do sonho. Seu assistente William Darnet, denominou este período de "rapid eye movements"- REM.

Constatou-se, então, que a maioria dos sonhos ocorria durante o período REM. Concluiu-se que, ainda que não recordemos nossos sonhos, eles são produzidos várias vezes por noite.

Partindo, provavelmente, dessas conclusões, Robert McCarley e J. Allan Hobson, da Universidade de Harvard, dedicaram-se a investigar a causa da produção do sonho REM. Eles afirmam que existe uma zona no cérebro na qual grandes neurónios "faíscam" periodicamente e produzem o sonho REM. Simultaneamente, estas células nervosas enviam estímulos ao ouvido, aos olhos e ao sentido do equilíbrio, anulando outros sentidos como o olfacto e o paladar. Para os investigadores, o sonhar é somente a tentativa da consciência de "compor" uma cena com os estímulos que chegam a ela de maneira desordenada. Se o sonho é uma partida de ténis entre um filho e um pai, um psicanalista o interpretaria como uma forma de expressar o complexo de Édipo; todavia, McCarley e Hobson dirão que, simplesmente, o sonhador "compõe" a partida de ténis a partir dos movimentos dos olhos, que vão de um lado para o outro da mesma forma que seguimos a trajetória da bola de um lado para outro da rede.

A descoberta de fases de rápidos movimentos oculares durante o sono profundo, quando a pessoa que dormia, após o despertar provocado, era capaz de contar um sonho, permitiu uma abordagem do fenómeno da actividade onírica.

Esses períodos foram então chamados de "sono paradoxal" ou "sono rápido", porque correspondem a uma actividade intensa de numerosas estruturas cerebrais traduzidas no electroencefalograma por um traçado próximo ao do estado de vigília. O sono rápido caracteriza-se igualmente por uma atonia dos músculos da nuca, uma dilatação e uma aceleração do ritmo cardíaco e respiratório. Durante uma noite, podem ser registrados quatro ou

cinco períodos de sono paradoxal, que sucedem sempre a um período de sono lento. A primeira fase do sono paradoxal não ultrapassa 10 minutos, enquanto a última atinge cerca de 90 minutos. No recém-nascido, a proporção de sono paradoxal (60% do sono total) é mais importante que no adulto, onde é apenas de 25%. No que diz respeito à evolução filogenética, o sono paradoxal só começa a aparecer nas aves. A quantidade de sono paradoxal diminui com certos medicamentos, sobretudo barbitúricos. Algumas experiências permitiram a Michel Jouvet demonstrar que, no gato, a maior parte dos fenômenos do sono paradoxal tem origem no tronco cerebral (locus coeruleus) e depende de uma cadeia de mecanismos que põe em jogo, de modo complexo, neurotransmissores como a serotonina, a acetilcolina e as catecolaminas.

IX. A CRÍTICA DE JUNG À INTERPRETAÇÃO FREUDIANA DOS SONHOS

Ideias da existência de um inconsciente na estrutura da realidade psíquica, interna, ao tempo dos primeiros trabalhos de Sigmund Freud, vinham sendo abordadas por diversos pesquisadores, entre os quais destaca-se Pierre Janet (1859 - 1947), considerado o fundador da psicologia clínica. Ele desenvolveu uma teoria do funcionamento psíquico oposta à de seu contemporâneo Freud – a PSICOLOGIA DOS COMPORTAMENTOS.

Escreveu: "O Automatismo Psicológico", dado a público em 1889. Não apenas Pierre Janet discordou das concepções freudianas, mas alguns de seus próprios discípulos, tais como: Alfred Adler, Carl Gustave Jung, Otto Rank, Karen Horney, enquanto outros aprofundaram as suas ideias: Ana Freud, S. Ferenczi, Melanie Klein e K. Abraham, em que assume realce o problema de formação, estrutura e actividade do EGO.

C. G. Jung é, sem dúvida, o maior crítico de Freud, particularmente no que diz respeito à interpretação dos sonhos, oferecendo, às ilações freudianas, as seguintes contestações:

Da mesma forma que a vida humana não se limita a este ou aquele instrumento básico, abrangendo, ao contrário, uma multiplicidade de instintos, os sonhos não podem ser explicados por este ou por aquele elemento isoladamente, por mais simples e atraente que tal explicação pareça... Jamais uma teoria simplificada dos instintos será capaz de abranger toda essa coisa misteriosa e poderosa que é a PSIQUE HUMANA, e tampouco o sonho, e sua expressão.

E arremata:

Os sonhos dão expressão a verdades incontestáveis, a pronunciamentos filosóficos, a fantasias selvagens, a ilusões, a previsões, a experiências irracionais, até mesmo a visões telepáticas e talvez a muito mais.

Não parece o psiquiatra falando, sempre pragmático, ortodoxo, sistemático; dir-se-ia um espiritualista convicto, ciente das implicações espirituais dos sonhos, que assim nascem, sob variada circunstância, nos refulgos da alma e se projectam, insopitáveis, ao consciente; ou decorrem do contacto efectivo e inelutável do Espírito momentaneamente encarcerado, com a alma definitivamente liberta dos grilhões da carne. Desse intercâmbio, não percebido ou não aceito pelos psicanalistas (repulsa ao eterno) se identifica a gênese dos problemas maiores e profundos do Ser, o Ser que venceu a morte, integrando-se à dimensão que lhe é essencialmente específica.

O mistério e o poder da psique humana seriam realmente investigados por Jung. Ele não se limitou a tecer simbólicas e complicadas teorias sobre o psiquismo; investiu, com inusitada ênfase, na área da fenomenologia supra normal, na tentativa de encontrar as respostas de que tanto precisava para a formulação de sua doutrina psicanalítica.

Diria, a propósito, Martin Ebon, em "They Knew The Unknown" (The New American Library Inc., New York): O interesse de Jung pelo oculto, iniciou-se com uma cuidadosa análise da Literatura do século XIX. Em 1897, enquanto era ainda um estudante, encontrou, numa biblioteca, pequena história de fundo eminentemente espiritualista, que o impressionou de tal ordem que ele iria, mais tarde, referir-se à narrativa em suas "Memórias".

A partir desse contacto com a "Questão Espiritual", Jung busca, o tempo todo, provar, a si mesmo, a verosimilhança dos relatos espíritas. As experiências de dois cientistas, no particular, suscitam-lhe especial atenção: Johann C.F. Zöllner, professor da Universidade de Leipzig e Sir William Crookes, físico inglês de ilibada

reputação internacional. Zöllner reúne os iniciais frutos de seu extraordinário trabalho mediúnic na obra "Transcendental Physics" (Física Transcendental) enquanto Sir William Crookes (1832-1919), após reiteradas e frutuosas experiências espíritas publica várias obras, entre as quais destacam-se "Recherches Sur Lês Phénomènes Du Spiritualisme" (edição francesa) e "Fatos Espíritas", onde evidencia as notáveis faculdades mediúnicas de Florence Cook, Kate Fox e Daniel Dunglas Home.

Considera-se o ano de 1916 o ponto alto da crise emocional de Jung, quando ele começou a ser assediado pelos fantasmas. As referências do psicanalista a respeito são vagas, emblemáticas, obscuras. Mas ainda assim percebe-se que, no íntimo da narrativa, identifica-se o real, o verosímil.

Jung sentia uma sensação indefinível de intranquilidade; a casa inteira pareceu-lhe cheia de Espíritos de mortos: Havia uma atmosfera sinistra envolvendo-me completamente. Eu tinha a estranha sensação de que o ar estava cheio de entidades fantasmais. Então, foi como se a minha casa começasse a ser assombrada. Minha filha mais velha viu uma figura branca atravessando a sala de jantar. E outras ocorrências fantasmais aconteceram em uma noite de sábado na residência de Jung. No dia seguinte (domingo), Jung sentiu "a casa inteira abarrotada de Espíritos". Esse relato é parte da obra "Septem Sermones Ad Mortus" ("Sete Sermões aos Mortos"), escrita pelo émulo de Freud, em (pelo que parece) escrita automática: Isso começou a jorrar de mim – afirma – e no transcorrer de três noites a coisa estava escrita.

Jung chega a admitir que a experiência que vivenciou estaria ligada ao seu estado emocional. Abstraindo-se a fraseologia nebulosa, obscura, eis o que sucedeu ao fundador da Psicologia Analítica.

Agora, e para ilustrar estes arrazoados, prestemos bastante atenção na linguagem junguiana, ao concluir o episódio de que fora figura coadjuvante entre os principais e invisíveis afores da fascinante trama mediúnic: Daquele momento em diante, os mortos se tornaram ainda mais definidos para mim, como as vozes do não-respondido, do não-solucionado e do não-cumprido; pois uma vez que as perguntas e reclamações, que meu destino obrigou-me a responder, não me vieram do exterior, elas devem ter vindo do mundo interior. Estas preleções para os mortos constituíram uma espécie de prelúdio para aquilo que eu tinha para comunicar ao mundo sobre o inconsciente, uma espécie de modelo de ordem e de interpretação do seu conteúdo geral.

E mais adiante, afirma: Todas as minhas obras, toda a minha actividade criadora veio dessas fantasias e sonhos iniciais... Tudo o que realizei posteriormente em vida já estava contido nelas, embora no princípio, somente na forma de emoções, símbolos e imagens.

Seriam esses mortos, na concepção de Jung, elementos autónomos do inconsciente? Admite-se que os "Sete Sermões aos Mortos" contem ilustrativas antecipações de ideias que iriam desempenhar importante papel na pesquisa científica posteriormente desenvolvida por Jung.

E arrematam os hermeneutas: Possivelmente, estava o Consciente educado falando para o Inconsciente indagador...

Três anos depois dos "Sete Sermões aos Mortos" (1919), Jung realizou concorrida Conferência na "Sociedade para Pesquisas Psíquicas" (SPR), em Londres, discorrendo sobre "As Bases Psicológicas da Crença nos Espíritos". Em sua fala, ouvida atentamente por sisudos pesquisadores e selecta assistência, traçou ele um perfil histórico-antropológico do assunto, em que sobressaia uma terminologia realmente esdrúxula, vaga, indefinível, considerando os povos primitivos como presas de "Conflitos Psicogênicos", ao se dedicarem à adoração dos ancestrais. A conversão de Saulo de Tarso, seria devida a "Alucinações Auditivas" (idêntico ponto de vista postula Ernesto Renan) e a "Complexos Autónomos". E, à guisa de conclusão, emitiu o seguinte parecer, baseado, lamentamos dizer, em infundadas especulações: Portanto, os espíritos, vistos de um ângulo psicológico, são complexos autónomos inconscientes, que aparecem como projecções porque não têm associações directas com o ego.

Na década de 1920, Jung assistiu, em Munique, a várias sessões de ectoplasma coordenadas pelo Barão Albert von Scherenck-Notzing, tendo como médium o austríaco Rudi Schneider. O professor Bleuler também estava presente. E o próprio Jung, na década de 30 realizaria, juntamente com Bleuler, sessões com o médium suíço Oskar Schiag. Na ocasião ocorreram fenômenos de efeitos físicos e de materialização de Espíritos.

Ainda assim, os comentários do professor de Zurique permanecem (pelo menos publicamente) refractários à sobrevivência da alma e a sua comunicação com os "vivos", que continuam sendo, para ele, "Testemunho da Psique Inconsciente".

As dúvidas de C. G. Jung são, na verdade, compreensíveis: ele não poderia (assim como o próprio Freud) admitir, psicologicamente, a comunicabilidade dos Espíritos, a existência da dimensão definida por F. Zöllner (com quem realizou notáveis experiências), a Dimensão Imponderável, porque iria, por água abaixo, a maioria esmagadora dos valores e conceitos psicológicos. Seria o "coup de grâce" na Psicologia!

Em boa hora avisa o pesquisador Martin Ebon (obra citada) que ninguém recorra a Jung em busca de certeza, muito menos no que diz respeito ao ocultismo. Ele mesmo falou, no fim de suas "Memórias": Estou atônito, desapontado e contente comigo mesmo, estou perturbado, deprimido e entusiasmado. Sou todas essas coisas ao mesmo tempo e não posso somar as parcelas. Sou incapaz de determinar o que é de suprema importância e o que não tem importância nenhuma... Não existe nada sobre que eu tenha absoluta certeza...

X. UM DESAFIO A PSICANÁLISE

Em 1935, Kilton Stewart conheceu os Senois, tribo da península Malaya. A partir daí, seriam ampliadas as concepções até então vigentes sobre os sonhos. Os silvícolas vivem em habitações comunitárias, e sobrevivem graças a um razoável sistema agrícola, da caça e da pesca. A organização social dos Senois é peculiar – as decisões mais importantes da tribo ficam sob a responsabilidade de um chefe espiritual, uma espécie de curandeiro e educador: o "Tohat".

Não havia registro, entre os Senois, nos últimos três séculos de crimes violentos ou conflitos comunitários. As suas relações sociais atingiam um alto grau de estabilidade que impressionava os poucos vizinhos. Entretanto, o domínio maior e assombroso dos Senois é no campo vastíssimo e complexo dos sonhos. Consideravam que o homem, em seu processo de adaptação, cria as imagens dos sonhos a partir do que vê no mundo exterior. Essas imagens, às vezes, levam-no a vivenciar conflitivas com ele mesmo e com o resto do mundo. Se permitir que os sonhos evoluam por si, terminarão por criar tensões e dissociações na personalidade do sonhador, o que lhe causaria angústia ou doença. Eis porque os Senois pensam que todo o ser humano, com a ajuda de outros seres humanos, pode e deve enfrentar, controlar e utilizar a seu favor todas as forças do universo dos sonhos. Com a cooperação entre os integrantes do grupo é possível penetrar esse universo onírico, modificando-o conforme reza o interesse comum.

O treino tem início na infância. Quando uma criança relata aos adultos que sonhou estar caindo perigosamente de uma grande altura, ouve a seguinte resposta: Isso é maravilhoso! É um dos melhores sonhos! De onde você caiu? Descobriu alguma coisa? A criança responde que não sabe porque sentiu muito medo. Os adultos dizem, então: Não se rebele. O cair pode se transformar em voar se você relaxar, e você pode entrar em contacto com o mundo dos Espíritos. Relaxe e tente chegar a um entendimento amistoso com eles. Quando você sonhar que está caindo ou morrendo, pense que está recebendo poderes que surgem de você mesmo e que, por isso, poderão ser controlados.

Essas instruções podem parecer sem nenhum sentido para os ocidentais; todavia, a criança Senoi começa a transformar, dia-a-dia, os seus sonhos de queda em alegres e libertadores sonhos de voo...

Se os sonhos (entre os adultos) têm conteúdo sexual, não deverão ser interrompidos – devem atingir o orgasmo. Após, deve-se pedir ao companheiro ou à companheira que, ensine um poema ou uma canção. Algo que seja de utilidade espiritual para o grupo, com o qual a experiência onírica será compartilhada no dia seguinte.

As experiências desenvolvidas, naturalmente, pelos Senois, é notável. Tudo leva a crer que é o único grupo social a conduzir-se dessa forma tão singular, consolidada através do tempo. Como esse povo, vivendo primitivamente, chegou a esse extraordinário ente-de-razão sobre os sonhos, controlando-os com inusitada sabedoria? É um desafio à Psicanálise!

XI. A TEORIA GESTALTICA DOS SONHOS

Por volta de 1940, dois psicólogos americanos: Calvin Hall, director do Instituto de Pesquisa de Sonhos de Santa Cruz (EUA) e Frederick Peris, psicoterapeuta, investiram, com desassomburada desenvoltura, na interpretação dos sonhos como uma possibilidade real do quotidiano.

Calvin Hall, preliminarmente, submetia a interpretação do sonho a um ponto de vista científico, demonstrando, sua discordância dos métodos postos em prática pela Psicanálise. A análise dos fatos levaram-no a ratificar a teoria junguiana, baseada nos seguintes pressupostos: O sonho é simplesmente uma linguagem pictórica natural da mente adormecida, através da qual pensamentos são transformados em imagens, sem intenção alguma de confundir ou enganar a pessoa que sonha.

Calvin Hall estava convicto de que os sonhos retraiam o que a mente (Espírito) pensa durante o sono.

Estabelece as seguintes regras básicas de interpretação:

a) O sonho é uma criação da própria mente da pessoa e conta-lhe como vê a si mesma, os outros, o mundo, seus impulsos etc. Não deve ser tomado como um guia para a realidade objectiva, apenas expõe um quadro de como eles se apresentam.

b) A pessoa que sonha é responsável por tudo o que aparece em seu sonho. Se sonhar com algo, não importa se é terrível ou prosaico, deve-se ter pensado nisso antes.

c) Um sonho jamais deve ser interpretado sem a consulta a outro sonho da série, no sentido de determinar como os pensamentos de uma pessoa associam-se entre si. Frequentemente, o significado de um sonho é óbvio e serve para lançar luz sobre criações oníricas mais simbólicas e mais complexas.

Frederick Peris, por sua vez, psicanalista filiado à corrente freudiana, em Viena, até os anos 40, quando se transferiu para os Estados Unidos, chegando à conclusão que a psicoterapia analítica profissional fora erroneamente direccionada, passa a preocupar-se com pacientes neuróticos.

Questionando a terapia individual, elaborou métodos intensivos de terapia em grupo destinados a pessoas "normais" que desejassem assumir vida completa e sadia.

A metodologia adoptada por Frederick Peris, conhecida como gestalt-terapia, ganhou notoriedade nos Estados Unidos, promovendo-se grupos de encontro, laboratórios de consciência e similares, todos voltados para o crescimento pessoal. A sede dos trabalhos de Frederick Peris era o Esalen Instituto, da Califórnia.

Antes de morrer, fundou uma comuna na Colúmbia Britânica (Canadá) lugar em que se praticavam relações baseadas na sinceridade e na abertura, conforme a oração gestalt: Eu faço minhas coisas e você faz as suas. Não estou neste mundo para viver conforme suas expectativas. E você não está neste mundo para viver conforme as minhas. Você é você e eu sou eu. E, se por acaso nos encontrarmos, será maravilhoso. E, se não, não há nada a fazer.

Frederick Peris via o sonho como forma de mensagem existencial que situaria o ser em relação a si mesmo e ao mundo. Sentia que o sonho possibilitaria a recuperação de fragmentos perdidos da personalidade, promovendo a sua harmonia mútua. E, finalmente: O melhor meio de usar um sonho não é cortá-lo em pedaços e interpretá-lo, mas trazê-lo à vida e libertá-lo.

XII. O SONHO E O GÊNIO

Na sua obra "An Acausal Connecting Principle" (Um Princípio de Conexão não Acidental), 1952, Jung fala dos sonhos telepáticos ou proféticos (pre-cognitivos) quando a imagem é sentida no presente como se o fato estivesse acontecendo. A hora e o dia, contudo, seriam antes ou depois do evento. Jung notara que isso ocorria em situação de crise ou stress.

Mas, além dos sonhos pre-cognitivos, existe a interpretação dos símbolos. Para o psicanalista Alfred Adler (1870-1937), os símbolos vistos em sonhos seriam a linguagem usada para expressar a situação de vida de quem sonha, com uma maior ênfase sendo dada aos fatos do que aos símbolos que ocultam esses fatos.

Adler, dissidente da escola freudiana, afirmava, também, que apesar de as intuições (insights) não serem frequentes no homem, elas indicavam que os sonhos podem desempenhar certas funções positivas, permitindo ao sonhador a possibilidade de resolver problemas que, no momento, estavam sem solução.

O cientista russo Dimitri Mendeleiev, por exemplo, sonhou que os elementos químicos se ordenavam, fixando-se de uma forma determinada. Não tardou a perceber que seguiam uma ordem crescente de acordo com seus pesos atômicos. Esta ordem é o que hoje conhecemos como "Tabela Periódica dos Elementos".

Robert Louis Stevenson afirmava que, com regularidade, os sonhos lhe traziam histórias completas. Em um ensaio intitulado "Capítulo Sobre os Sonhos", ele explica que devia sua inspiração ao que chamava de "littie people" ("gatinhas", forma de referir-se aos duendes) ou "brownies" ("marronzinhos"), os quais enchiam suas visões enquanto dormia. Quando se fazia necessário, ele surrava o cérebro para conseguir uma história, escrevia o autor sobre ele mesmo, e vejam! Imediatamente os duendes punham-se a trabalhar no mesmo problema e durante a noite toda, apresentavam-lhe inúmeros contos em seu teatro iluminado.

Stevenson garantia nunca saber como os seus sonhos iriam terminar. Não tinha a menor ideia a respeito do que movia uma personagem principal até que essa personagem se explicasse na cena final do sonho. Certa ocasião, porém, uma história não aconteceu de modo tão fácil para Stevenson. Fazia tempo que ele tentava escrever um conto sobre um homem que levava uma vida dupla. De repente, ele sonhou com uma cena pela janela, e a cena, depois, dividiu-se em duas, onde Hyde, perseguido por algum crime, tomou a porção e transformou-se na frente de seus perseguidos. Quando acordou, Stevenson conseguiu escrever o que mais tarde seria um clássico das histórias de terror "O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde".

Richard Wagner enunciava que as ideias musicais adquiriram forma durante o estado que ele chamava de transe. Durante um desses transe, Wagner experimentou uma alucinação descrita em sua autobiografia "Minha Vida", iniciada em 1865: Entrei numa espécie de estado de sonambulismo, no qual, de repente, tive a sensação de estar imerso em um rio de águas rápidas. Para mim, sua correnteza logo se transformou em um som musical para a corda mi bemol maior, ressoando em persistente pizzicatos; este, por sua vez, transformaram-se em figuras melódicas de movimentos crescentes, se bem que a tríade em mi bemol maior não se modificasse e parecesse, por sua continuidade, conferir um significado infinito ao elemento no qual eu estava mergulhado.

O que Wagner ouvira, iria se transformar no tema principal de sua monumental obra "Anel dos Nibelungos".

Para René Descartes (o extraordinário autor de "O Discurso do Método"), o sonho era uma revelação. De repente ele compreendeu que a ciência e a filosofia poderiam ter um vínculo. Por que não aplicar as disciplinas da

ciência, com seus requisitos de comprovação por meio de observações e de experimentos para qualquer hipótese, aos assuntos filosóficos? O pensador francês estava tão abalado por seus sonhos que precisou de alguns dias para se recuperar. Quando voltou a escrever, as ideias brotaram com muita fluência...

Afirma-se que Guisepe Tartini, compositor italiano do século XVIII, sonhou, um dia, que o diabo concordava em servi-lo se o músico o ajudasse a escapar de uma garrafa. Assim que o diabo foi solto, Tartini deu-lhe seu violino para ver se ele conseguia tocar. Qual não foi minha surpresa quando o ouvi tocar uma sonata de beleza tão delicada que suplantava os mais audaciosos sonhos da minha imaginação. Fiquei maravilhado! - Contou Tartini. O compositor ao acordar, apressou-se a transcrever a obra do diabo, que viria a ser considerada a obra-prima de Tartini.

O dinamarquês Nieis Bôhr, prêmio Nobel de Física e o canadense Frederick Grant Banting, prêmio Nobel de Medicina, ambos descobriram por meio de sonhos o caminho a seguir a fim de solucionar certos problemas que lhes atormentavam a mente diurna. Graças a uma visão onírica inteiramente fantasmagórica, que de modo simbólico mostrava um sistema planetário sujeito a certas evoluções particulares, Nieis Bôhr compreendeu quais as modificações que deviam ser feitas no modelo atômico de Rutterford, para assim delinear um outro, levando também em conta premissas teóricas estabelecidas pela teoria dos quanta. Daí a origem de novo modelo atômico, que recebeu a aceitação universal e traz até os dias actuais o nome dele.

Banting concebeu em sonho os procedimentos a adoptar para poder isolar a insulina em laboratório, sendo esse o único remédio que a medicina conseguiu descobrir na luta contra o diabetes.

XIII. SONHOS LÚCIDOS

Normalmente, a pessoa só sabe que sonhou ao acordar. No sonho lúcido, o adormecido tem consciência de que esta sonhando. Isto quer dizer que o agente "vê" e "sente" os actos componentes do processo onírico. Os pesquisadores determinam dados bem definidos para identificar a ocorrência dos sonhos lúcidos. Citam, em princípio, o tratado de Aristóteles, século IV ac. C. "Sobre os Sonhos", onde o estagirista sentencia: muitas vezes, quando alguém dorme, algo em seu consciente lhe diz que aquilo não passa de um sonho. Também Santo Agostinho e São Tomás de Aquino referem-se à ocorrência de sonhos lúcidos.

O pioneiro no campo das pesquisas sobre o sonho lúcido é o marquês Hervey de Saint-Denis, do Colege de France (Paris). Afirmava que a lembrança do sonho bom, a capacidade de obrigar-se a despertar e a consciência do estado do sonho, lhe haviam dado a ele um certo grau de controlo do sonho, o que lhe inspirou o título de sua obra: "Sonhos e como Guiá-los" (1867).

Em "Across the Plains" (1892), Robert L. Stevenson tem um "Capítulo sobre Sonhos" no qual descreve suas próprias experiências com os sonhos. Por auto-sugestão, mesmo antes de adormecer, podia obter vívidos sonhos que lhe eram de grande auxílio nos escritos românticos. Atribuía muito da inspiração em seus trabalhos às Pequenas pessoas que dirigem o teatro interno do homem. Os pensamentos submersos vêm à tona e tomam-se activos enquanto a pessoa dorme. Criam ou formam histórias e deixam claros traços do trabalho nocturno em sua mente desperta.

A despeito da aprovação de ilustres pesquisadores, houve quem refutasse a tese do sonho lúcido. Estabeleceu-se, a partir daí, infrutífera celeuma. Entretanto, despontou, em meio à acaciana querela, o testemunho do professor Frederic W. H. Myers, um dos fundadores da SPR – Society for Psichical Research: tivera ele, por três vezes, sonhos lúcidos.

O mais interessante, porém, é os relatos do pesquisador holandês Frederick Willem van Eeden, autor de "A Noiva dos Sonhos". Ele prestou longo depoimento à SPR sobre os estudos que fizera acerca do sonho lúcido, vocábulo por ele criado, neste termos: A reintegração de funções psíquicas mostra-se tão completa que o adormecido alcança um estado de perfeita consciência, tornando-se capaz de direccionar sua atenção e de tentar diferentes actos de livre volição. Mesmo assim, o sono continua imperturbável, profundo e refrescante.

Willem van Eeden, finalmente, minudência a experiência onírica que vivenciou: Eu estava de pé, junto a uma mesa com vários objectos, diante de uma janela. Tinha perfeita consciência de estar dormindo e imaginei que experimento poderia fazer. Comecei tentando quebrar um vidro com uma pedra. Coloquei uma pequena lâmina de vidro sobre duas pedras e bati com outra pedra, mas ele não quebrou. Então, peguei na mesa um fino copo de vinho e dei-lhe um soco com a mão fechada, com toda minha força, pensando ao mesmo tempo que aquilo era muito perigoso na vida em vigília. E o copo ficou intacto. Mas quando olhei de novo, depois de algum tempo, estava quebrado. A demora para que o vidro se partisse deu a van Eeden uma impressão curiosa de estar em um "mundo-de-mentira"... Peguei os cacos e joguei-os pela janela, a fim de observar se escutaria o tilintar, quando caíssem lá em baixo. Não só ouvi o barulho, como vi dois cachorros se afastando dos cacos, com naturalidade. Pensei que esse mundo de faz-de-conta era mesmo uma boa imitação. Depois vi uma garrafa com vinho clarete e fui prová-lo, pensando com clareza: 'Bom, também podemos ter sensações voluntárias de paladar nesse mundo dos sonhos' – o sabor do vinho é perfeito.

Os sonhos lúcidos são, na verdade, os actos praticados pelo Espírito, fora do seu corpo físico, durante o sono, quando ele recobra, em parte, a sua liberdade. Observem, os leitores, que van Eeden, durante seu desdobramento, pôde quebrar um copo, jogar os cacos pela janela, ouvindo o seu tilintar. E bebeu vinho, cujo "sabor era perfeito!" Adiante ele confessa que, ao longo de sua estada no mundo que ele chamou de "mundo-de-mentira" ou "mundo-de-faz-de-conta", notou que a sensação de ter um corpo – com olhos, mãos, uma boca que fala, e assim por diante – torna-se perceptível. Willem Van Eeden estava, simplesmente, explicitando a realidade semimaterial do perispírito. Esses estados de projecção consciente eram frequentes na vida do psiquiatra holandês, considerado um dos mais notáveis "pesquisadores de sonhos..."

As investigações sobre os sonhos lúcidos, levados a efeito, posteriormente, por Stephan Laberge, da Universidade de Stanford (EUA), nada mais fizeram que ratificar os experimentos espíritas sobre o desdobramento natural do Espírito durante o sono. A prova dessa assertiva se encontra nas próprias conclusões dos investigadores. Hugh Calloway, por exemplo, declarou, "atónito", após o seu primeiro sonho lúcido: A vivacidade do mundo crescia centenas de vezes (...). Eu nunca me sentira tão completamente bem, com tanta clareza de pensamento, tão poderoso, TÃO LIVRE, de uma forma inexplicável (grifos nossos).

"As Estranhas Noites" do pintor Giovanni L., enquadram-se, sem embargo, no rol das tipicidades do "Sonho Lúcido": Havia cinco anos vivia em Milão o pintor Giovanni L.. Estava a essa altura noivo e a sua vida era a mais calma possível. Certa noite de Novembro de 19..., depois de ler até bastante tarde, preparou-se para dormir. Quando se encontrava já parcialmente adormecido teve a estranha sensação de que se elevava no ar. Saiu de casa e sempre voando deixou Milão atrás de si, dirigindo-se para o norte. Em breve, avistou o lago Orta e desceu em Isola Bella, onde tinha passado alguns dias havia cerca de 10 anos. Viu-se em frente de determinada casa de dois andares. Havia uma janela aberta no primeiro andar. Giovanni sentiu-se empurrado para essa janela e voando penetrou no interior do aposento. Era um quarto. Na cama, uma mulher nua sorria... Giovanni dirigiu-se para a cama, passando com ela toda a noite. Nem Giovanni nem a companheira pronunciaram, durante todo o tempo, quaisquer palavras. Quando a noite se aproximou do fim, ela conduziu o pintor até a janela. Voando novamente, Giovanni retorna a Milão e daí ao seu quarto, onde despertou às 7 horas, como de hábito, sentindo-se fatigado e com pouca vontade de se levantar. Giovanni atribuiu tudo a um sonho e não deu importância ao fato. No mês seguinte, porém, a viagem onírica até Isola Bella repetiu-se três vezes por semana. Giovanni estava completamente desorientado e dizia para consigo: - Que se passa comigo? Sonho ou realidade? Certa noite de Dezembro, quando num dos seus sonhos se encontrava deitado junto da bela desconhecida, ela de repente parou a respiração e deixou cair a cabeça. Estava morta! Ficou aterrado! Quando momentos depois despertou no seu quarto de Milão, estava muito excitado. Consultou certo médico amigo que diagnosticou depressão nervosa. Pelo sim, pelo não, ele não contou ao médico todos os fatos, com medo de o tomarem como doido, embora ele estivesse convencido de que estava em seu juízo perfeito. Após três semanas de repouso, volta à actividade. A noiva, porém, rompeu o noivado com ele, pois o achava demasiado estranho para poder casar... Com efeito, os fatos sucedidos não lhe saíam da memória. Em Maio de 19... foi finalmente a Isola Bella com a fraca esperança de encontrar a chave de tanto mistério. Depois de um dia inteiro de pesquisas encontrou finalmente a casa dos seus sonhos. Estava à venda. Dirigiu-se ao caseiro, mostrando interesse em visitá-la. Cada vez mais admirado, depressa encontrou o quarto onde se encontrava com a companheira. - Quem dormia aqui? - Ninguém – respondeu o caseiro – depois da morte da senhora. Contou-lhe então que a referida senhora chamava-se Egesíola. Tinha casado aos 24 anos contra a sua vontade com um homem de 40 anos, que detestava. Davam-se muito mal. Egesíola proibiu a entrada do próprio marido no seu quarto. Chegou a dizer-lhe que tinha um amante, que era pintor em Milão, que vinha visitá-la quase todas as noites. Nunca ninguém viu esse homem. No entanto, à noite, ouviam-se ruídos no quarto da senhora. Finalmente, numa manhã de Dezembro, ela foi descoberta inanimada, morta por uma embolia...

Este é um entre os inúmeros casos que conduzem os pesquisadores dos "distúrbios do sono" à formulação de teses mirabolantes, sem pé nem cabeça, conflitantes entre si. E tudo porque negam a imortalidade da alma, a sua manifestação no plano físico, esteja ela encarnada ou desencarnada.

XIV. MENSAGENS ONÍRICAS DIURNAS

Há quem pretenda estender o conceito de sonho a todos aqueles estados de consciência dos quais o psiquismo profundo tende a subir a primeiro plano até subjugar o eu da superfície, aproveitando-se, supõe-se, dos rebaixamentos momentâneos do seu chamado nível de vigília e, talvez, determinando-se de propósito. Esta "dimensão diurna" do sonho é um convite à pesquisa, conquanto algo já tenha sido feito a respeito. M. Kleitman ("Sleep and Wakefulness", University of Chicago Press), demonstrou que, também de dia, a atenção consciente se afrouxa em períodos, de acordo com um ritmo que corresponde perfeitamente ao alternar nocturno do sono profundo ao leve.

Conforme John Pfeiffer ("The Human Brain", N. York, 1955), o estado de plena "vigilância consciente" não dura mais que um minuto ou dois por hora. Não se trata de descobertas em sentido absoluto (F. Myers e P. Bunton, já haviam intuído que a actividade oníróide coexiste com a de vigília), mas é condição indispensável para uma certa eficiência criadora do intelecto.

Leo Talamonti, já citado, esclarece, por seu turno, que todos nós conhecemos, também, em pleno dia, pausas de recolhimento interno, distrações quanto à realidade sensível, devaneios erráticos do espírito dos quais se aproveita o irreprímível mundo onírico para irromper no nível da consciência e impor, com medida variável de êxito, suas fantasias, emoções, conhecimentos.

Em seguida Talamonti oferece o seguinte caso à guisa de exemplo: Uma criada de Salerno (Itália) Rosa P., interrompe de súbito os seus afazeres domésticos, chama um táxi e se faz conduzir até a estrada de Teggiano, onde encontra o filho caído e quase morto em uma sarjeta, tendo ao lado a motocicleta que foi o veículo do desastre.

Ninguém tinha avisado à mulher do sucedido, que agiu por impulso, após uma espécie de sonho ocorrido de olhos abertos, durante o qual acreditou ouvir a voz do filho que pedia socorro e indicava, também, o local onde o acidente aconteceu. O fato se deu na véspera do Natal de 1955. Admite o autor de "Universo Proibido" que o mundo onírico pode invadir e submergir inteiramente o mundo da consciência, para levar ao nível desta última as suas informações particulares, mas isto não é mais do que um aspecto do fenómeno mais geral. Existe, na verdade, uma grande variedade de estados da consciência diurna – todos eles caracterizados por um abaixamento do nível de vigília – durante os quais se estabelecem entre os dois planos da personalidade os contactos que podem ter finalidade criadora.

O FENÓMENO DA DUPLA VISTA

É bem provável que os pesquisadores de tais e especiosos fenómenos não conheçam o trabalho pioneiro e revolucionário do pedagogo francês Denizard Hippolyte Léon Rivail, cognominado Allan Kardec. Em "O Livro dos Espíritos", Kardec aborda a questão da dupla vista, (que parece explicar o mistério das mensagens oníricas diurnas) em colaboração com os seres invisíveis que o ajudaram a codificar o Espiritismo. Eis o que ele pergunta aos Espíritos: Questão 447-O fenómeno designada pelo nome de dupla vista tem relação com o sonho e o sonambulismo? - Tudo isso não é mais de que uma mesma coisa. Isso a que chamais dupla vista é ainda o Espírito em maior liberdade, embora o corpo não esteja adormecido. A dupla vista é a vista da alma.

Em seguida Kardec elucida: A emancipação da alma se manifesta às vezes no estado de vigília, e produz o fenómeno designado pelo nome de DUPLA VISTA, que dá aos que o possuem a faculdade de ver, ouvir e sentir além dos limites dos nossos sentidos. Eles percebem as coisas ausentes, por toda parte, até onde a alma possa entender a sua acção; vêem, por assim dizer, através da vista ordinária, como por uma espécie de miragem. No momento em que se produz o fenómeno da dupla vista, o estado físico é sensivelmente modificado: Os olhos têm qualquer coisa de vago, "olhando sem ver", e toda a fisionomia reflecte uma espécie de exaltação. Consta-se que os órgãos da visão estão alheios ao fenómeno, ao verificar-se que a visão persiste, mesmo com os olhos fechados.

Essa faculdade se afigura, aos que a possuem, tão natural como a de ver: consideram-na um atributo normal, que não lhes parece constituir excepção. O esquecimento se segue, em geral, a essa lucidez passageira, cuja lembrança se toma cada vez mais vaga, e acaba por desaparecer, como a de um sonho.

O poder da dupla vista varia desde a sensação confusa até a percepção clara e nítida das coisas presentes ou ausentes. No estado rudimentar, ela dá a algumas pessoas o tacto, a perspicácia, uma espécie de segurança nos seus actos, a que se pode chamar a presteza do golpe de vista moral.

Mais desenvolvida, desperta os pressentimentos, e ainda mais desenvolvida, mostra acontecimentos já realizados ou em vias de realização.

O sonambulismo natural e artificial, o êxtase e a dupla vista, não são mais do que variedades ou modificações de uma mesma causa. Esses fenómenos, da mesma maneira que os sonhos, pertencem à ordem natural. Eis por que existiram desde todos os tempos: a história nos mostra que eles foram conhecidos, e até mesmo explorados, desde a mais alta antiguidade, e neles se encontra a explicação de uma infinidade de fatos que os preconceitos fizeram passar como sobrenaturais (1).

(1) O termo sobrenatural já deveria ter desaparecido do universo das Ciências Psíquicas. Na verdade, nada há, no Universo, que não seja natural. Existe uma variedade de vocábulos criados com idêntico sentido: Abnormal, Hiperfísico, Hipernormal, Hiper psíquico, Meta normal, Metapsicofísico, Metapsicológico, Metapsíquico, Parafísico, Paranormal, Parapsicofísico, Parapsicologia, Sobrenormal, Supranormal, Ultranormal etc. Sobrenatural é o natural que ainda não compreendemos – Isaac Singer (Prémio Nobel de Literatura).

XV. VISÃO ESPÍRITA DO SONO E DOS SONHOS

O Espiritismo apresenta uma particular visão do problema do sono e dos sonhos. No que se refere ao aspecto psicológico do sono ele acrescenta a necessidade psíquica de o Espírito conviver com o mundo espiritual preexistente, seu mundo normal de existência, à semelhança dos cetáceos que, embora vivendo na água, necessitam volver periodicamente à tona para respirar.

Durante o repouso corporal, o Espírito deixa o veículo que o encarcera e o limita, e convive, então, com o meio espiritual que lhe é afim. Aí, dá expansão aos seus desejos reprimidos, vivendo as experiências que lhe aprazem. O sonho não representa apenas um conglomerado associativo de recordações subconscientes, mas tem um fundamento real de vivência efectiva. No estado de liberação, o contacto com outros Espíritos e situações fornece os elementos básicos que formarão a parte recordável do sonho. As situações não são integralmente recordadas por causa da diferença dos meios de percepção em jogo.

Quando encarnado, o Espírito fica, na maioria dos casos, semilimitado em sua percepção, tendo o cérebro como veículo natural de trânsito. As sensações que o atingem através, puramente, do seu ser psíquico, tendem a se fixar directamente no subconsciente, atingindo a consciência em forma fragmentária e associada às energias derivadas do viver normal. Dessa forma, verifica-se que nem a teoria psicanalítica dos sonhos derruba a espírita, nem vice-versa. Contrariamente, se unem e se completam para deslindar os enigmas que eles apresentam.

Em "O Livro dos Espíritos" encontram-se notáveis antecipações das conclusões e muito mais. Os Espíritos apontam os seguintes tipos de sonhos:

- FISIOLÓGICOS: quando o Espírito parcialmente liberto sofre as influências do organismo, vivendo situações alucinatórias.

- PANTOMNÉSICOS: quando há retroacção da memória, atingindo situações vividas em outras existências.

- PREMONITÓRIOS: quando, varando os limites do presente, o Espírito apreende situações futuras.

- ESPIRITUAIS: quando são fortes as vivências no mundo dos Espíritos que retornam indemnes à consciência no momento de despertar.

Apontam igualmente que as fases de desligamento e retorno do ser espiritual ao corpo influenciam as recordações do indivíduo por se dar, então, uma fusão com as energias predominantes no seu subconsciente actual.

Recordam, além do mais, que não se liberta o Espírito, durante o sono, das ideias que cultiva habitualmente e será sempre atraído para os ambientes espirituais com os quais se identifica, sofrendo-lhes as influências naturais.

UM SONHO PROFÉTICO DE ALLAN KARDEC

Neste livro o leitor encontrará uma série de teorias sobre o sonho. Como se sabe, Freud colocava o sonho como a realização de um desejo, quase sempre recalcado nos porões do inconsciente. O simbolismo e a confusa linguagem do sonho não seriam mais que artifícios do inconsciente para burlar a vigilância da censura.

Essa teoria, no entanto, não explica o sonho profético, isto é, aquele que antecipa, às vezes nos mínimos detalhes, acontecimentos futuros.

Permitimo-nos recomendar a obra "An Experiment with Time", de autoria de J. W. Dunne, que oferece uma engenhosa teoria matemática para o problema tempo-espaço, ligado aos mecanismos dos sonhos premonitórios.

Na "Revue Spirite" de Junho de 1866, Allan Kardec relata um interessante sonho premonitório, durante a doença que o prendeu ao leito por algum tempo. Nesses momentos, sonhava constantemente com coisas insignificantes, às quais não prestava a menor atenção. Mas, na noite do dia 24 de Abril daquele ano, o sonho ofereceu um carácter tão particular que o mestre lionês ficou vivamente chocado: "Num lugar que nada dizia à nossa memória e que se parecia com uma rua, havia uma reunião de indivíduos que conversavam em grupo; nesse número só alguns nos eram conhecidos em sonho, mas sem que os pudéssemos designar pelo nome (1).

"Procuramos captar o assunto da conversa quando, de repente, apareceu no canto de um muro uma inscrição em letras pequenas, brilhantes como fogo, e que nos esforçamos por decifrar.

Estava assim concebida: "Descobrimos que a borracha rolada sob a roda faz uma légua em dez minutos, desde que a estrada..." (2) Enquanto procurávamos o fim da frase, a inscrição apagou-se pouco a pouco e nós acordamos. Com o receio de esquecer estas palavras singulares, apressamo-nos em as transcrever.

(1) Eram, provavelmente. Espíritos com os quais Kardec mantinha contacto, durante o sono, liberto das amarras do corpo físico.

"Qual poderia ser o sentido dessa visão que nada, absolutamente, em nossos pensamentos e preocupações podia ter provocado? Não nos ocupando de invenções nem de pesquisas industriais, isto não podia ser um reflexo de nossas ideias. Depois, que podia significar essa borracha que, rolada sob uma roda, fazia uma légua em dez minutos? Era a revelação de alguma nova propriedade dessa substância? Seria ela chegada a representar um papel na locomoção? Queriam pôr-nos na via de uma descoberta? Mas, então, porque dirigir-se a nós em vez de os homens especiais, com oportunidade de fazer os estudos e as experiências necessárias?

Contudo o sonho era muito característico, muito especial, para ser posto entre os sonhos de fantasia; devia ter um objectivo. Qual? É o que buscávamos inutilmente.

Durante o dia, tendo tido ocasião de consultar (2) A história das invenções registra uma série de tentativas em torno do aperfeiçoamento das rodas de veículo. Em 1846, o fabricante de borracha Thomas Hancock, fez para uma carruagem um conjunto de aros de borracha maciça fixados a um aro de ferro que envolvia a roda de madeira.

Mais tarde, surge o invento do escocês Robert William Thomson, que não vingou. Atribuem-se, porém, a John Boyd Dunlop, de Belfast, Irlanda, a invenção do pneumático, por volta de 1888. Em 1889, os irmãos André E Édourd Michelin iniciaram, na França, a fabricação de pneumáticos. Seis anos depois, um automóvel Peugeot, com pneus Michelin, participaria da corrida de automóveis Paris-Bordéus. o Dr. Demeure (3) sobre nossa saúde, aproveitamos para lhe pedir nos dissesse se o sonho apresentava algo de sério. Eis que respondeu: "O sonho que me assinalais, do qual guardastes uma lembrança tão clara, parece-me pertencer a uma outra categoria. Ele contém um fato notável e digno de atenção. Maiores informações sobre o Doutor Demeure são encontradas na obra "Lês Pionniers du Spiritisme en France", editada por J. Malgras, 1906.

"Certamente foi motivado, mas presentemente eu não vos poderei dar uma explicação satisfatória; só poderia dar-vos a minha opinião pessoal, de que não tenho muita segurança. Tomarei minhas informações em boa fonte, e amanhã vos comunicarei o que tiver aprendido".

No dia seguinte, Demeure informa a Kardec que ele participava de uma reunião com Espíritos (3) Antoine Demeure desencarnado em Aibi (Tran), França, a 25 de Janeiro de 1865, aos 71 anos, fora, segundo o próprio Kardec, o Cura d'Ars da Medicina. Médico homeopata, humanitário, encontrou na Doutrina Espírita "a. Chave de

problemas, cuja solução inutilmente pedira à Ciência como a todas as filosofias". Tornou-se um dos mais autênticos divulgadores dos postulados spiritistas, pois graças à "profundeza de seu espírito investigador" – observa Kardec – "compreendeu subitamente todo seu alcance". Demeure e Kardec não se conheceram pessoalmente, mas se corresponderam. Encarnados, uma vez que durante o sono podem encontrar-se com pessoas conhecidas ou desconhecidas, mortas ou vivas. Aqueles encarnados do sonho estavam preocupados com invenções tendentes a aperfeiçoar os meios terrenos de transporte. O conciliábulo de inventores pretendeu chamar a atenção de Kardec para o que se desenvolve, além dos limites do plano corpóreo, em torno dos processos tecnológicos avançados. As invenções, muitas atribuídas ao acaso, são, antes, fruto dessas reuniões de Espíritos desprendidos de seus corpos físicos, a despeito de suas crenças ou descrenças. Entretanto, deve-se observar que tais expedientes não visam poupar o homem do trabalho das pesquisas, trazendo-lhes invenções acabadas, o que seria o encorajamento da preguiça e da ignorância. Nesse grande torneio da inteligência, cada participante entra por conta própria e a vitória é do mais hábil, do mais perseverante, do mais ousado.

Permitimo-nos concluir que, alguns sonhos são, nada mais, nada menos, que o contacto que temos, no Além, com seres encarnados e/ou desencarnados, permutando-se, aí, toda a sorte de experiências morais, intelectuais, científicas etc. Todavia, a qualidade desses conclave estará sempre de acordo com a estrutura ética das pessoas que o integram. Afinal de contas, em nível moral, os semelhantes se atraem... os contrários se repelem...

XVI. TEMPO E ESPAÇO, ESTES DESCONHECIDOS

Alfred Still, em sua obra "Borderlands of Science", 1950, afirma que se o homem pudesse entender o significado do tempo, seria ele mais sábio do que é hoje. O universo físico aparecer-lhe-ia sob nova luz.

Entretanto, para responder à pergunta: Que é o Tempo? ele provavelmente necessitaria de um poder de percepção superior ao que demonstra possuir.

OPINIÕES DIVERGENTES

Alguns físicos, baseando-se em processos nucleares, estão propensos a pensar na reversão do tempo. Outros, porém, aceitam não apenas um espaço curvo, que retoma a si mesmo, como se nós próprios nos víssemos de costas. Eles são de opinião que também o tempo seria algo curvo, num contínuo convergente a si mesmo.

Isto significaria que, depois de incontáveis períodos, todos os acontecimentos voltassem a ocorrer e em todos os seus detalhes. O tempo, assim concebido, se pulverizaria no conceito de um único agora.

Cari G. Jung não aceitava o princípio da causalidade rígida (segundo o pensamento de alguns físicos modernos), e isso significaria, na doutrina da ciência clássica, que cada causa desencadearia uma determinada ação, e que não existe ação sem uma determinada causa. Recusando-se a admitir esta tese, Jung, contando com a colaboração do físico Wolfgang Pauli, prêmio Nobel, deu à luz o conceito da sincronicidade, isto é: os eventos podem ocorrer independente de alguma correlação causal. Disse ele, a respeito: Os fenômenos sincronistas provam a existência simultânea de significado idêntico, de tal forma que um determinado fato, considerado por um Observador, pode ser, simultaneamente, representado por um evento externo, sem correlação casual. Daí se conclui que ou a psique não é possível de ser localizada no espaço, ou que o espaço seja psiquicamente relativo. O mesmo também é válido para a determinação temporal de psique ou para o tempo".

Mais tarde, Jung diria "A entidade da psique alcança regiões escuras muito além de nossa capacidade de entendimento."

E conclui dizendo que a psique é uma forma de existência sem tempo ou espaço, denominado simbólica e incompletamente, de eternidade. Nessa dimensão, não cogitada pelas ciências hodiernas, é possível a explicação de todos os fenômenos paranormais, incluindo a profecia ou a pre-cognição. O próprio Jung serviu-se do oráculo chinês I Ching, cujas predições, conforme verificou, estavam sempre correctas.

Teses outras assumem destaque, como a do filósofo Gottfried Wilhelm Leibniz: uma semente, plantada na terra, resulta em uma árvore – uma árvore forte, de tronco majestoso, com profundas raízes, galhos fortes, folhas, nervuras e artérias. Tudo isso, argumenta o autor de "Discurso de Metafísica" (1686) está contido na semente. E mais: esta árvore trará novas sementes, das quais germinarão novas árvores, e estas por sua vez, pelo futuro adentro, gerarão outras árvores. É possível duvidar – arremata – que todas estavam escondidas na primeira semente mencionada? Finalmente, Leibniz afirma: Da mesma forma que as flores ou animais já tenham sua

formação definida na semente, podemos dizer que todo o mundo futuro está contido no presente, e está totalmente determinado.

Escreveu Joseph Banks Rhine (o pai da Parapsicologia) que o mundo da física moderna é invariavelmente um sistema de espaço-tempo.

Deve-se esperar, pois, que se verifique serem os fenômenos psíquicos tão independentes do tempo como do espaço. Não seria de esperar que o tempo revelasse relação restritiva se o espaço deixasse de acusá-la. E o tempo não a acusa. "É bastante curioso observar" – prossegue o autor de "O Novo Mundo do Espírito" – "que o indivíduo quando tem uma experiência de clarividência frequentemente ignora se o acontecimento que lhe veio à consciência se realizou ou não. Provavelmente quando estão em jogo acontecimentos distantes. Não há qualquer flecha indicando o tempo juntamente com experiência que a assinale como presente, passada ou futura..." Rhine exemplifica: Velha colega disse certa vez a uma amiga que tinha visto a notícia, em um jornal, da morte, por enfarto, de um amigo comum. A amiga exprimiu surpresa e incredulidade. Que jornal? Onde? Quando examinaram os jornais, não encontraram a notícia. A autora da notícia ficou intrigada. Teria sonhado? No dia seguinte, contudo, o tal amigo sofreu realmente um enfarto e o jornal do dia seguinte estampava a notícia que fora lida anteriormente. A agente sonhou? Rhine é de parecer que as experiências precognitivas manifestam-se mais comumente por sonhos. Tais sonhos podem ser exactos. Às vezes, são fragmentários; outras, dramatizadas e complexos. Há aqueles que apresentam singular substituição: uma senhora em Youngstown (EUA) sonhou que tinha machucado a mão direita. Não sonhou como lhe acontecera, mas sentia somente muita dor. Procurava um médico, mas não foi capaz de encontrar. Afinal deu com um que lhe disse: Não se preocupe, ficará boa depressa. Mas continuava a repetir: Doutor, está doendo. O sonho impressionou-a tanto que o contou à irmã. Na manhã seguinte, a filhinha de cinco anos prendeu a mão direita no espremedor automático. Com a filha a gritar de dor, procurou dois médicos que, entretanto, estavam ausentes. Encontrou um terceiro. Ele examinou a criança e disse: Não se preocupe, ela ficará boa depressa. A menina continuou a dizer, durante o dia, conforme a mãe o fizera sonhar: Está doendo! O caso antecedido, seria de telepatia precognitiva, conforme supôs J. B. Rhine?

É oportuno, à guisa de esclarecimento, que se expresse, aqui, pensamento do ilustre professor da Universidade de Duke (EUA) sobre a telepatia.

Afinal de contas, essa estranha faculdade psíquica é marcada por um rastro de históricas investigações que tiveram sua gênese no âmbito selecto das sociedades de pesquisas psíquicas.

A atenção que desde muito tempo se dispensa à transferência do pensamento – observa Rhine – é devida ao interesse natural relacionado a tudo quanto une os indivíduos, especialmente quando separados por grandes distâncias. Há casos também do que se afigura contacto entre dois espíritos por sobre as barreiras do espaço, sugerindo, ainda mais do que a clarividência, a existência de algo no espírito que não está sujeito às limitações físicas que restringem as funções censórias. Sugerem, certo grau de separação entre espírito e corpo.

Assim sendo, quando nos meados de século XIX, o choque da ciência materialista fez-se sentir pesadamente sobre o pensamento espiritual do mundo ocidental, muitos intelectuais voltavam-se para a investigação da telepatia, em busca de provas da própria natureza que refutassem a afirmação de limitarem toda a vida humana às forças vagas da matéria. De fato. Foi a telepatia o assunto escolhido para investigação na SPR (Society for Psychical Research), embora mais tarde as exigências da mediunidade passassem a ocupar o primeiro lugar no âmbito das cogitações científicas daquela colenda instituição.

XVII. OUTRAS PESQUISAS SOBRE OS SONHOS PREMONITÓRIOS

Mark Twain (1835-1910), pseudônimo literário de Samuel Langhorne Clemens, que significa "Marcas duas sondas" – expressão técnica usada pelos pilotos do Mississipi – é um dos mais notáveis escritores da língua inglesa. Publicou "As Aventuras de Tom Sawyer" (1876) e "As Aventuras de Huckleberry Finn" (1894). Já no fim da vida, marcado por revezes e tragédias, escreveu "O que é o Homem" (1906) e "O Estrangeiro Misterioso" (1916). Quando jovem, Mark Twain teve um intrigante sonho com seu irmão Henry. Por essa época o grande escritor norte-americano era piloto do "Pennsylvania", um vapor do rio Mississipi. Quando o navio se detinha em St. Louis, ele passava a noite em casa de sua irmã. Seu irmão Henry, também do mesmo navio, dormia em casa de algum de seus amigos de St. Louis. Naquela noite, Sam sonhou com Henry. No sonho, ele viu seu garboso irmão estendido morto num esquife metálico. Sobre o peito de Henry se estendia um ramo de flores brancas, com uma rosa vermelha no centro. Na manhã seguinte relatou à irmã o sonho mórbido e prontamente o esqueceu. Ambos os jovens retornaram no "Pennsylvania" a Nova Orleans, onde Sam foi transferido para o A. T. Lacey. O "Pennsylvania" foi o primeiro a zarpar para o norte, e, do cais, Sam acenou adeus a seu irmão Henry. Dois dias depois, o A. T. Lacey partiu, com Sam a bordo. Quando o A. T. Lacey aportou em Mênfis, naquela localidade ainda se falava excitadamente sobre a explosão que ocorrera no "Pennsylvania" quando se aproximava da cidade, ferindo a maioria das pessoas a bordo. Aflito, Sam conseguiu localizar Henry, gravemente ferido, num hospital improvisado em Mênfis. Quatro dias depois Henry falecia. Profundamente triste e fatigado, pois não abandonara a beira do leito de seu irmão, o jovem Sam dormiu algumas horas antes de se dirigir ao velório. Os corpos de outras vítimas do "Pennsylvania" também ali estavam, mas o de Henry era o único que ocupava um esquife metálico, que fora uma dádiva das senhoras de Mênfis, profundamente comovidas ante a juventude e simpatia transbordantes de seu irmão. Enquanto Sam permanecia contemplando o corpo de Henry, uma senhora atravessou a sala e depositou um ramalhete de flores brancas, com uma rosa vermelha no centro, sobre o peito do jovem morto.

F. S. Edsall, professora de psicologia na Universidade da Pennsylvania, relata o fato em seu livro "The World of Psychic Phenomena", emitindo o seguinte parecer sobre a inusitada ocorrência premonitória: O fato de serem relativamente comuns sonhos premonitórios desta espécie, tem feito muitos crerem que, de um modo ou de outro, todos nós, nalgum grau inconsciente, temos noção de futuros acontecimentos em nossas vidas.

Como regra, nossas mentes conscientes são impermeáveis a este acontecimento. Todavia, a alguns de nós acontece infiltrarem-se na consciência, em sonhos, fragmentos do futuro.

Posteriormente, quando tal indivíduo passa efectivamente pela experiência, ele se surpreende de ver seu sonho desfiar-se de novo ante seus olhos conscientes.

Em seguida, a professora Edsall conjectura quanto à natureza real do tempo tentando encontrar o nexo causal dos sonhos premonitórios. Destaca, em princípio, as teorias concebidas, a respeito, pelo filósofo russo P. D. Ouspensky, autor de "Tertium Organum" e pelo matemático C. H. Hinton, segundo os quais o homem é um tipo quadri-dimensional, com a mente e corpos dilatados no tempo; e toda a sua vida, do nascimento à morte, suas

várias aparências e todos os acontecimentos, co-presentes no indivíduo quadridimensional é que ele é. A maneira de ser de um indivíduo numa idade qualquer – aos vinte e cinco anos, por exemplo – seria então meramente uma secção transversal de sua realidade quadri-dimensional.

As teses de Ouspensky e de Hinton encontram respaldo histórico nas concepções sobre o tempo, do físico e psicólogo alemão Gustavo Theodor Fechner, expressos em seu livro "Vier Paradoxo. Aliás, o Dr. Gustavo Theodor Fechner, juntamente com o professor Wilhelm Edward Weber, participou das memoráveis experiências desenvolvidas pelo professor de astronomia e física da Universidade de Leipzig, J. K. Frederick Zöllner, resultando, daí, na elaboração da teoria do espaço quadri-dimensional.

Em 1927, era dado a lume a obra "An Experiment with Time", de autoria de J.W. Dunne, engenheiro aeronáutico britânico. Desde cedo, Dunne se mostrou curioso acerca do tempo. Os experimentos relatados pelo autor consiste de uma série de sonhos, na maior parte do próprio Dunne, através dos quais o sonhador se apercebia de certos acontecimentos que ocorriam em sua vida desperta depois de os haver sonhado. Propunha uma teoria muito intrincada e curiosa para explicar esse estado de coisa. A esta teoria ele chamava de "serialismo", onde reconhece o tempo como uma quarta dimensão do espaço, além de propor diversas dimensões do próprio tempo.

Mais tarde, J. W. Dunne publica "The Serial Universe" (Londres, 1934), em que reafirma as suas ideias sobre um mundo de sucessivas dimensões de tempo e de "tempo progressivo". Dunne salientava a importância de se ter um livro de notas e lápis sob o travesseiro, a fim de que, "logo que acordar", o pesquisador possa registrar os trâmites do sonho. É surpreendente como muitos sonhos se referem a futuros acontecimentos que podem ser de carácter insignificante. Com as suas pesquisas sobre os sonhos, Dunne obteve, porém, resultado promissor no undécimo dia, após começar a rotina nocturna com o livro de notas e o lápis sob o travesseiro: estava caçando em região acidentada, algo incerto quanto aos limites abrangidos pela sua licença para caçar. Ouvia, subitamente, dois Homens gritarem para ele e açularem um cão que latia. Conseguiu escapular por um portão, antes de ser apanhado.

Tempos depois, J. W. Dunne experimentava a mesma situação que vivera neste sonho...

AS TESES DE FREDERIC MYERS

Frederic Myers, fundador da "Sociedade para Pesquisas Psíquicas" de Londres, autor de "A Personalidade Humana e sua Sobrevivência após a Morte", criou a expressão "Promnésia", significando "Memória Antecipada".

F. Myers admitiu a premonição como um fenómeno subliminar à consciência, ao tempo em que Charles Richet rotulou-a de "Criptestesia Premonitória", classificada, posteriormente, pela parapsicologia como "Fenómeno Psigama".

PROCEEDINGS DA SPR SOBRE SONHOS PRECOGNITIVOS

A SPR, por sinal, possui em arquivos (proceedings) a saga de uma multidão de fatos relacionados com manifestações oníricas precognitivas.

Eis um desses casos: Uma senhora chamada Schweitzer sonhou que seu filho mais novo estava em um penhasco acompanhado por um desconhecido. Subitamente, o jovem escorregou encosta abaixo. A Sra. Schweitzer virou-se então para o estranho e lhe disse: "Posso perguntar-lhe quem é você e qual é o seu nome?". O homem respondeu "Meu nome é Henry Yrvin". A Sra. Schweitzer insistiu: "Você quer dizer Irvin, o actor?" E a resposta: "Não exactamente, mas algo parecido" Aflita com o sonho, a mãe procurou advertir o filho através de seu irmão mais velho. Este, contudo, não levou o assunto a sério, lembrando a Sra. Schweitzer que a vítima do seu sonho estava trabalhando na cidade de Manchester (Inglaterra), onde não há penhascos. Uma semana depois, o

rapaz foi assassinado nas colinas de Scarborough, para onde seguira em férias. Ao visitar o local, a Sra. Schweitzer encontrou o homem que acompanhara seu filho no dia do trágico acontecimento e reconheceu nele a personagem do seu sonho. Perguntou-lhe se seu nome era Henry. E, com a confirmação, passou a contar-lhe o seu Sonho. Ele disse à mulher que costumava recitar em concertos onde era apresentado normalmente como Henry Irving Jr. O seu verdadeiro nome era Deverell.

Um caso que é clássico na bibliografia que trata dos fenómenos psíquicos teve como figura central o presidente americano Abraham Lincoln. Uma semana antes de ser assassinado, ele viu, em sonho, cenas de seu próprio velório, que posteriormente relatou ao amigo Ward Lamon. Este descreveu o episódio em seu diário: Há mais ou menos dez dias Lincoln disse-me: "Fui deitar tarde e sonhei que saía da cama e vagava pelos quartos, não vendo pessoa nenhuma, mas ouvindo gente chorar (...). Para tentar descobrir o que estava acontecendo, desci as escadas e rumei para o Salão Leste da Casa Branca, onde, com grande surpresa, vi um cadáver coberto sobre uma plataforma. Perguntei a um dos guardas presentes quem havia morrido, e ele me respondeu que fora o presidente, assassinado. Conforme registra a História, Abraham Lincoln foi baleado, sete dias depois, por John Wilkes Booth, no "Ford Theatre."

Os pesquisadores já observaram que a maioria das experiências precognitivas refere-se a acontecimentos trágicos.

Pode-se concluir que os sonhos são um instrumento frequente nas actividades precognitivas, uma vez que se supõe que, no curso do sono, o subconsciente humano se mostra mais livre em relação às cadeias que o consciente o prende durante o estado de vigília. Uma coisa é certa: não se sabe, com exactidão, os componentes integrantes dos sonhos – são complexos e variados.

Ademais, as teorias a respeito da precognição, embora opulentas e da responsabilidade de idóneos pesquisadores, não reflectem a realidade dos fatos. Afirma-se, até, que a precognição teria como correspondente a retrocognição. São apenas faces de uma mesma moeda: a predestinação de eventos universais, incluindo-se os relativos aos homens. Esta concepção parece encerrar um monumental determinismo; entretanto, o conhecimento antecipado do futuro pode ser modificado. Aponta-se, no caso, o que aconteceu com a Dra. Louise Rhine, esposa do professor J. B. Rhine: Ela teve um sonho em que seu filho Hubert aparecia caído no chão do banheiro, sufocado. Como estudiosa desses fenómenos, a Dra. Louise Rhine anotou os detalhes da imagem e passou a acompanhar regularmente as actividades de Hubert enquanto estava em casa. Dois anos depois do sonho, a Dra. Louise se preparava para sair quando o cantarolar de Hubert, no banheiro, cessou de repente. A pesquisadora forçou a porta do aposento e encontrou o filho caído no piso, sufocado pelo gás que saía do aquecedor. A Dra. Louise providenciou, imediatamente o socorro, salvando o filho de morte iminente... e prevista!

XVIII. A LEI DA RELAÇÃO PSÍQUICA DE ERNESTO BOZZANO

Dadas as características das pesquisas que resultaram na formulação da "Lei da Relação Psíquica" de Ernesto Bozzano, julgamos oportuna a sua apreciação.

Preliminarmente, o notável pesquisador italiano proclama que a "relação psíquica" se produz excepcionalmente por invasão difusa em um dado meio de um feixe de vibrações psíquicas enquadradas pela intensidade dramática dos acontecimentos percebidos telepaticamente pelo sensitivo.

Em seguida, relata o seguinte caso, tirado do "Journal of the S.P.R.", volume XXI, que tem como protagonista Evelyn Vincent: Meu sonho consiste nisto: "parecia achar-me perto de um carro de aluguer, que estava parado com uma mulher deitada em seu interior. Percebia no caminho, à direita, uma poça de sangue, e me perguntava: que se pode fazer para ajudá-la?" Uma voz respondia: "Ela está morta. Seu rosto está cadavérico". Via, em seguida, que se retirava um corpo de mulher do carro e que era levado. Eu ignorava por que me achava lá, mas guardei a impressão de que passava de carro ao lado do que acabava de perceber. Sentia-me apavorada com esse espectáculo... Tal é a narrativa pura e simples de meu sonho.

Segundo Bozzano, esse sonho correspondia a um assassinio acontecido, na mesma hora, isto é, às 2 horas do dia 6 de Fevereiro de 1923, nas mesmas condições. A vítima, uma jovem, fora transportada para um hospital, onde dera entrada já morta. O moço, que a matara, tinha espontaneamente se apresentado à polícia. A principiante não conhecia, de modo nenhum, os protagonistas do episódio.

Um outro caso, ainda mais impressionante, é extraído da colecção do "Journal of the S.P.R.", volume VII: O Sr. H. W. Wack, eminente advogado, residente em Saint Paul (Minnesota, EUA) conta que, no decurso da noite de 29 de Dezembro de 1892, sonhou que se achava num trem que ia para a cidade de Dubeth e que, depois de cerca de

Quatro horas de viagem, lhe pareceu ouvir um grito lancinante, seguido de gemidos e estertores que pareciam provir de uma pessoa sofrendo terrivelmente. E prossegue, neste termos: Notei que o trem detinha a sua marcha e Parava, em seguida, bruscamente. Logo depois, vi os empregados da estrada de ferro atravessarem o meu compartimento com lanternas na mão, saltarem para a estrada e se dirigirem para a locomotiva. Percebi os feixes luminosos das lanternas projectadas por debaixo do trem. Compreendi que grave acidente acabara de produzir-se. Desci, por minha vez, e perguntei o que acontecera, mas os empregados, absorvidos pelas investigações, não me prestavam atenção. Alguém acabou por me contar que, se eu tivesse olhos, devia compenetrar-me de que um homem fora esmagado pelo trem. Efectivamente, percebiam-se, por toda a parte, manchas de sangue e, quando os empregados iluminaram com as lanternas as rodas de um dos primeiros carros, vi que elas se achavam literalmente Sujas de uma matéria esbranquiçada que parecia ser substância cerebral, tanto mais que mechas de cabelo se encontravam misturadas com a mesma. Porém, onde estava, então, o corpo da pessoa morta? Ou, pelo menos, como não se descobriram, em parte alguma, membros humanos? A pesquisa foi estendida a mais de 300 metros atrás do ponto em que se detivera o trem, mas, inutilmente. A conclusão foi a de que o corpo inteiro do homem

fora alcançado e reduzido à massa pelas rodas do comboio. Devia-se supor que se tratava de um vagabundo que se ocultara, debaixo de qualquer carro para viajar gratuitamente. "Horrrível! Horrrível!", murmurava eu no meu sonho. Esse sonho dramático ficou-me vivamente gravado na memória e, na manhã seguinte, contei-o a pessoas conhecidas, que assinalaram, sobretudo, a circunstância macabra e pouco verosímil segundo a qual o corpo da vítima fora de tal maneira triturado pelas rodas do trem que não se encontrava nenhuma parte dele... Este é o resumo substancial do sonho do advogado Wack, sonho que foi devidamente confirmado pelos testemunhos das pessoas que ouviram a narração dele vinte e quatro horas antes que os jornais tivessem publicado a notícia do dramático acidente que havia acontecido naquela mesma noite, na mesma hora, na mesma linha da estrada de ferro do sonho, na mesma localidade. O corpo da vítima fora realmente triturado a tal ponto que não se achou nenhum membro dele. O Sr. Wack conclui sua narrativa nos termos seguintes: Quanto mais penso nele, tanto mais me convenço de que, de forma misteriosa, talvez em Espírito, talvez pela clarividência, eu tenha sido testemunha do trágico acontecimento noticiado pelos jornais, pois minha visão foi perfeita em todas as suas fases gerais: hora, local, circunstâncias diversas, assim como na impressão verídica do que se tinha passado.

Bozzano esclarece que nas suas classificações só se encontram nove casos iguais, o que bem demonstra a raridade verdadeiramente excepcional dessa espécie de fenómeno. Adverte, outrossim, que estes poderiam ser confundidos com a classe dos fenómenos de "clarividência no espaço" (telestesia), o que seria um erro. A telestesia, explica, diz respeito à percepção, à distância, de objectos e de condições em circunstâncias que afastam toda possibilidade de transmissão telepática da parte de um agente humano (sic), ao passo que, nos casos supracitados, o agente humano está sempre presente e presa de intensa super excitação emocional, o que faz com que não se possa deixar de considerar estes casos como sendo de natureza telepática e telestésica.

A telestesia – acrescenta o autor de "Animismo ou Espiritismo?" – se produz altivamente; o sensitivo percebe directamente, por si mesmo, os acontecimentos afastados, ao passo que, no nosso caso, o sensitivo os percebe passivamente -por conseguinte telepaticamente -pois que ele recebe vibrações psíquicas que lhe chegam de longe, vibrações psíquicas que, pela lei de reversão, se transformam, no seu ser sensorial, na representação dos acontecimentos trágicos que as engendraram, da mesma forma que o disco do fonógrafo registra as vibrações da voz de um orador; pela lei da reversão, elas se transformarão em seguida, à vontade, na reprodução do discurso em questão.

Observa-se, conforme o raciocínio de Bozzano, que os episódios por ele classificados (nos quais o principiante tem a visão de acontecimentos ocorridos com protagonistas que lhe são desconhecidos) revestem-se de um carácter eminentemente dramático. Parece, pois – deduz o autor de "Lês Phénomènes Prémonitoires" – que se poderia admitir que as "tempestades psíquicas", de natureza externa, aparentam ser as únicas capazes de impressionar, à distância, quando não há "relações psíquicas" de natureza pessoal, directa ou indirecta, das pessoas que servem de agentes.

XIX. O PIONEIRISMO DE ALLAN KARDEC

No livro "A Gênese", obra integrante da Codificação Espírita, Allan Kardec trata, em capítulo específico, da "Presciência", também conhecida por "Metagnomia Profética", "Pré-conhecimento", "Premonição", "Previsão", "Profecia", "Pressentimento", "Preestesia".

Preliminarmente, Kardec tece os seguintes comentários sobre o assunto, iniciando-os com esta pergunta: Como é possível o conhecimento do futuro? Compreende-se a possibilidade da previsão dos acontecimentos que devam resultar do estado presente; porém, não a dos que nenhuma relação guardem com esse estado, nem, ainda menos, a dos que são comumente atribuídos ao acaso. Não existem as coisas futuras, dizem; elas ainda se encontram no nada; como, pois, se há de saber que se darão? São, no entanto, em grande número os casos de predições realizadas, donde forçosa se torna a conclusão de que ocorre aí um fenómeno, para cuja explicação falta a chave, porquanto não há efeito sem causa. É essa causa que vamos tentar descobrir e é ainda o Espiritismo, já de Si mesmo chave de tantos mistérios, que no-la fornecerá, mostrando-nos, ao demais, que o próprio fato das predições não se produz com exclusão das Leis Eternas.

A seguir, Kardec exemplifica: Tomemos, para comparação, um exemplo nas coisas usuais. Ele nos ajudará a compreender o princípio que teremos de desenvolver. Suponhamos que um homem colocado num cume de uma alta montanha, a observar a vasta extensão da planície em der redor. Nessa situação, o espaço de uma légua pouca coisa será para ele, que poderá facilmente apanhar, de um golpe de vista, todos os acidentes do terreno de um extremo a outro da estrada que lhe esteja diante dos olhos. O viajou que pela primeira vez percorre essa estrada, sabe que, caminhando, chegará ao fim dela. Constitui isso uma simples precisão da consequência que terá a sua marcha. Entretanto, os acidentes do terreno, as subidas e descidas, os cursos d'água que terá que transpor, os bosques que haja de atravessar, os precipícios em que poderá cair, as casas hospitalares onde lhe será possível repousar, os ladrões que o espreitam para roubá-lo, tudo isso independente da sua pessoa; é para ele o desconhecido, o futuro, porque a sua vida não vai além da pequena área que o cerca. Quanto à duração, mede-se pelo tempo que gasta em perflustrar o caminho. Tirei-lhe os pontos de referência e a duração desaparecerá. Para o homem que está em cima da montanha e que o acompanha com o olhar, tudo aquilo está presente. Suponhamos que esse homem desce do seu ponto de observação e, indo ao encontro do viajante, lhe diz: "Em tal momento encontrarás tal coisa, serás atacado e socorrido". Estará predizendo o futuro mas, futuro para o viajante, não para ele, autor da previsão, pois, para ele, esse futuro é presente. (Idêntico exemplo é oferecido à reflexão pelo Dr. Charles Richet, no Tomo II de seu "Tratado de Metapsíquica").

Logo após, Kardec esclarece: Os Espíritos são como o homem da montanha; o espaço e a duração não existem para eles. Mas, a extensão e penetração da vista são proporcionadas à depuração deles e à elevação que alcançaram na hierarquia espiritual... Nos Espíritos inferiores, porém, a visão é circunscrita, não só porque eles

difícilmente podem afastar-se do globo a que se acham presos, como também porque a grosseria de seus Perispírito lhes veda as coisas distantes, do mesmo modo que um nevoeiro as oculta aos olhos do corpo.

A teoria da presciência – adverte o mestre de Lyon – talvez não resolva de modo absoluto todos casos que se possam apresentar de revelação do futuro, mas não se pode deixar de convir em que lhe estabelece o princípio fundamental.

Muitas vezes, as pessoas dotadas da faculdade de prever, seja no estado de êxtase, seja no de sonambulismo, vêem os acontecimentos como que desenhados num quadro. Admite Kardec que não raro acontece que aquele pensamento não passa de um projecto, que se não concretiza na realidade, decorrendo daí os frequentes erros de fato e de data nas previsões.

E conclui: A forma geralmente empregada nas predições faz delas verdadeiros enigmas, as mais das vezes indecifráveis. Essa forma misteriosa e cabalística, de que Nostradamus (1) nos oferece o tipo mais completo, lhes dá certo prestígio perante o vulgo, que tanto mais valor lhes atribui, quanto mais incompreensíveis se mostram...

Hoje as circunstâncias são outras: O positivismo do século dar-se-ia mal com a linguagem sibilina. Daí vem que, presentemente, as predições já não se revestem dessas formas singulares; nada têm de místicas as que os Espíritos fazem; eles usam a linguagem de toda gente, como o teriam feito quando vivos na terra, porque não deixaram de pertencer a Humanidade.

Avisam-nos das coisas futuras, pessoais ou gerais, quando necessário, na medida da perspicácia de que são dotados, como o fariam conselheiros e amigos. Suas previsões, pois, são antes advertências, do que predições propriamente ditas, as quais implicariam fatalidade absoluta. Essa aptidão – finaliza – (1) O mais famoso profeta mundial é, sem dúvida o médico francês Michel de Notre Dame, que viveu entre 1503 e 1566 em Salon, e que se tornou conhecido pelo nome de Nostradamus. Em versos, fez predições para os anos de 1555 a 3797. De propósito, como ele próprio alega, Nostradamus não fez os versos em sequência cronológica e nem mencionou anos. Por isso, a sequência sempre só poderá ser feita depois que o evento tiver ocorrido. Das inúmeras e surpreendentes profecias, que com todos os seus detalhes já se tornaram históricas, podemos citar duas.

Em um dos seus versos mencionou o nome de um lugar e dois nomes de pessoas. Ele predisse para um "grande Montmorency", que ele fora do local determinado seria entregue a um Cleripeyne. Sessenta e seis anos após a morte de Nostradamus o evento rigorosamente aconteceu: o último Duque de Montmorency foi decapitado em 30 de Outubro de 1632 no pátio da prefeitura de Toulouse. "Fora do local para isso determinado", visto que para a execução o local seria a praça da cidade. Uma vez que se quis poupar ao duque a desonra de ser decapitado pelo carrasco, foi designado um soldado que passava por ali, "ao acaso". O nome deste homem era Cleripeyne!

O Dr. Max Kemmerich, em sua obra "Profecias", comprovou, matematicamente, que o cálculo da probabilidade desta predição estaria na proporção de um para cinco milhões contra o acaso. Decorre, muitas vezes, da rectidão do juízo, no deduzir as consequências lógicas do presente; mas doutras vezes também resulta de uma especial clarividência inconsciente ou de uma inspiração vinda de exterior. O que tais homens fizeram quando vivos, podem com razão mais forte e maior exactidão, fazer no estado de Espírito livres, quando têm a visão espiritual obscurecida pela matéria. O professor José Herculano Pires, um dos raros analistas, no Brasil, dos fenómenos psíquicos e espíritas, admite, com justa razão, que Kardec, no capítulo da Presciência de "A Génese", Antecipou, de quase um século, as hipóteses enunciadas pela Parapsicologia. A teoria espírita – esclarece – é ainda a única que realmente apresenta uma solução lógica a esse problema.

Os materialistas não podem aceitá-la. Mas os parapsicólogos espiritualistas, ou pelo menos não sistemáticos, já começam a compreender que a solução foi dada pelo Espiritismo. Alguns, sem o saberem, formulam hipóteses paralelas às que estão em "A Génese".

O professor José H. Pires cita, a título de exemplo, a obra "Os Poderes Ocultos do Homem", de Robert Tocquet, onde se insere –... As formalidades do espírito humano às vezes parecem ultrapassar a área das

capacidades orgânicas cerebrais. E acrescenta: Com eles (os fenómenos paranormais) o paralelismo clássico entre o fisiológico e o psicológico se enfraquece consideravelmente, e certas vezes desaparece por completo, mesmo se admitirmos que o encéfalo, com os seus treze bilhões de células nervosas, constitui a mais fantástica máquina electrónica que se possa imaginar.

Robert Tocquet era ligado ao grupo para-católico do Instituto Metapsíquico Internacional de Paris. Jamais escondeu a sua aversão ao Espiritismo. Ele e Robert Amadou formavam a dupla que pretendeu desmascarar, sem qualquer sucesso, os maiores médiuns do passado. Apesar dessa atitude radical e preconceituosa, Robert Tocquet admite a existência, no homem, de um dínamo psiquismo essencial autónomo (conceptuação baseada nas concepções de Gustavo Geley) e chega a esta conclusão: Ora, se ele é autónomo, não seria absurdo supor que possa sobreviver ao organismo, pois no Cosmos nada se cria, nada se perde, tudo se transforma. Seria bastante estranho que o Universo, que é racional em suas diferentes manifestações, deixasse de sê-lo naquilo que concerne ao homem.

Robert Tocquet, tão anti-espírita, confirma a teoria de "A Génese", segundo a qual a predição ou profecia pertence ao Espírito, que se afasta do corpo e olha o futuro do plano espiritual.

XX. SONHOS – AS CAUSAS DO ESQUECIMENTO E AS TÉCNICAS DE LEMBRANÇA

Há experimentos que revelam como o sonho escapa dos registros mnemônicos, pulverizando-se completamente. Quando alguém é desperto durante um período de REM (rapid eye movements), é comum o relato de um sonho vívido. Caso o despertem depois do final do período, o sonho já se encontra praticamente perdido.

Afirma-se que a maioria de nossas recordações diárias provavelmente provêm de interrupções espontâneas do sono, depois do último e longo período REM. Como em geral não se desperta, por muito tempo, durante a noite (ou durante o dia), um processo natural de esquecimento passa a ter lugar.

Experiências de laboratórios têm indicado o principal responsável pelo esquecimento dos sonhos: o estado relativamente passivo e inativo do sono NREM (non-rapid eye movements).

Pessoas cujo sono foi interrompido em intervalos regulares de uma hora, sendo mostrada a elas uma palavra numa tela sobre a cama, geralmente são incapazes de lembrá-la pela manhã. Isso só não acontece se elas se mantêm despertas por mais ou menos dez minutos após verem a palavra, porquanto, se lhes é permitido retomar o sono imediatamente depois da identificação, tendem a esquecê-la.

O ato de manter a pessoa desperta por dez minutos, ou mais, parece ter o efeito de fortalecer a impressão na memória, de modo que o fato pode vir a ser lembrado depois. Assim, os únicos sonhos de que recordamos ao despertar são, provavelmente, aqueles seguidos de um período de vigília, seja no meio da noite ou ao amanhecer. Incidentalmente, essa é uma das razões pelas quais muita gente julga sonhar com maior frequência quando está inquieta. O que ocorre, na verdade, é que o despertar constante resulta em maior recordação de sonhos, mas não numa quantidade maior de sonhos.

AS TÉCNICAS DE LEMBRANÇA DOS SONHOS

A Dra. Ann Faraday, ("O Poder dos Sonhos"), pesquisadora dos mecanismos oníricos, ofereceu uma série de sugestões tendentes a facilitar a recordação dos sonhos:

- a) Tenha sempre caneta e papel ou, melhor ainda, um gravador ao lado da cama;
- b) Conserve uma lâmpada ou uma lanterna próxima à cama, para que você não tenha que se levantar;
- c) Auto-sugestionar-se várias vezes antes de adormecer, pensando: "Quero despertar logo após um sonho", ou: "Esta noite vou agarrar um sonho"...
- d) Se você durante a noite tiver um sonho na cabeça e não conseguir se lembrar, sente-se na cama com tranquilidade e acenda a lâmpada. É muito importante não se mover bruscamente, pois isto tende a apagar a lembrança do sonho;
- e) Conserve o relato de seus sonhos, juntamente com as respectivas interpretações, num arquivo ou caderno, datado, pois séries de sonhos podem servir para lançar luz sobre aqueles de carácter duvidoso.

SONHOS ÚTEIS

É digno de registro, também, o processo criado pela Dra. Gayle Deelaney (parecido com o de Edgar Cayce), directora de uma clínica psicológica na Califórnia, para produção de sonhos úteis. Afirma a Dra. Gayle que, anos de pesquisa sobre o processo de provocar sonhos úteis provaram para mim que a maioria das pessoas pode aprender a "pedir um sonho" e, através dele, receber orientação para problemas específicos da vida. Ela desenvolveu uma técnica a que deu o título de "Incubação do Sonho Através do Enfoque de uma Frase". Para utilizá-lo, a pessoa precisa de apenas uns cinco ou vinte minutos, antes de dormir, para escrever, num diário, o que a preocupa e concentrar-se na questão a que o sonho deve responder.

AO LEITOR

Chegamos ao final de "A VISÃO ESPÍRITA DO SONO E DOS SONHOS". É claro que é um trabalho lacunoso, tendo em vista a opulenta bibliografia a respeito. Mas, ainda assim, tentamos reunir na maior gama de teses e de teorias, não raro contraditórias, o que evidencia a complexidade do processo onírico.

Esperamos que o leitor tenha encontrado, nas páginas deste livro, subsídios que contribuam para o enriquecimento do ente-de-razão que constituiu sobre a essência e os mecanismos do sonho.

BIBLIOGRAFIA

- Ernesto Bozzano: "Popoli Primitivo e Manifestazioni Supernormali" – edição de 1943. "O Espiritismo e as Manifestações Psíquicas" – Editora ECO, Rio de Janeiro/RJ.
- Hector Durville. 'Le Fantôme des Vivants Recherches Expérimentales sur Dédoublement des corps de l'Homme' - Paris, 1929.
- Allan Kardec: "O Livro dos Espíritos"; "A Gênese"; "O Livro dos Médiuns"; "O Céu e o Inferno".
- Gustave Geley; "L'ectoplasmie et la Clairvoyance" - Paris, 1924.
- J.B. Rhine e J.C. Pr. "Fronteira Científica da Mente", 1966. Livraria Editora HEMUS.
- J.B. Rhine: "O Novo Mundo do Espírito", 1966 – Editora Best-seller.
- Gabriel Delanne : "Recherches sur la Médiunité" - Paris, 1923.
- Ju Uen Ochorowicz; "Magnetismus und Hypnotismus", Leipzig, 1987.
- W.W Atkinson: "Il Segreto della Magia Mentale" – Milão, 1942.
- Leo Talamont* "Universo Proibido", Record, Rio de Janeiro – São Paulo.
- Carlos Imbassahy: "Hipóteses em Parapsicologia", 1967.
- João Teixeira de Paula.* "Estudos de Espiritismo", – São Paulo, 1960; "Dicionário Enciclopédico Ilustrado – Espiritismo, Metapsíquica, Parapsicológica" – Ed. Beis, 1976.
- J. Herculano Pires "Parapsicologia e suas Perspectivas", São Paulo.
- William Mackenzie: "Metapsíquica Moderna".
- Djalma Moita Argolo : Revista IMPACTO, 1974, Salvador/Bahia.
- "Mistérios do Desconhecido no Mundo dos Sonhos" – TIME LIFE BOOKS.
- Entrevistas do "L'Ê MONDE" – Editora Ática, 1990, São Paulo.
- Hermínio Miranda "A Memória e o Tempo" – 1ª Parte – Edicel, 1986.
- Charles Richet – "No Limiar do Mistério" – Romance (teses espíritas) – LAKE, São Paulo; "Tratado de Metapsíquica" – Tomos I e II – Editora LAKE, São Paulo/SP
- Louise E. Rhine: "Canais Ocultos do Espírito" – Best-seller, São Paulo.
- J. W. Dunne: "An Experiment with Time"- Londres, 1927.
- Martin Eboiv "Prophecy in Our Time", N. York, 1968.
- Alfred Stille- "Borderlands of Science", 1950, Philosophical Library, Inc.
- Joe J. Heydecker: "Factos da Parapsicologia" – Introdução às Ciências Ocultas – Livraria Freitas BastosL; "Fatos da Parapsicologia" – Editora Livraria Freitas Bastos, Rio de Janeiro/RJ.
- Revistas. "Ano Zero" e "Planeta" – Editora Ano Zero LTDA/RJ e Editora Três/SP; "O Mundo do Paranormal – A Parapsicologia Explicada" – Editora, São Paulo, 1987.
- Jean E. Charon: "O Espírito – Este Desconhecido" – Editora Melhoramentos, São Paulo/SP.

- Carlos Bernardo Loureiro: "Dos Raps à Comunicação Instrumental" – Sociedade Espírita F. V. Lorenz – Rio de Janeiro/RJ.
- Eleise Sechrist – "Sonhos: O Espelho da Alma" (baseado em material dos arquivos de Edgar Cayce), Editora Record, Rio de Janeiro/RJ.

CONVERSANDO SOBRE MEDIUNIDADE

Autores: Cairbar Schutel/Abel Glaser

A exemplo do ocorrido em "ALVORADA NOVA", a mediunidade foi o veículo essencial de ligação entre os planos físico e espiritual para o surgimento da presente obra.

208 Páginas – Cód. 05009 wS ws do

PENSAMENTOS SOBRE O SER

Autores: Albert Camus (Espírito) /Nora T. M. N. Sakamoto

"Para que criarmos a ilusão de vivermos numa desarmonia quando somos harmonia? Então por que não procurarmos enxergar o que está em nosso interior e projectarmos para o exterior?"

Prémio Nobel de Literatura em 1957, o autor espiritual desta obra enfoca importantíssimos aspectos relacionados com a evolução do Ser.

Cód. 05096 – 176 páginas

Pedidos: Casa Editora O Clarim – Caixa Postal 9

Cep: 15990-000 - Matão - SP - Fax: (0XX16) 282-1647

CARO LEITOR

Maneira simples de você ficar bem informada sobre as conquistas do Espiritismo no Brasil e fora dele. Assine o jornal O Clarim e a Revista Internacional de Espiritismo. O que mais você tira destas duas publicações é o conteúdo doutrinário.

Se não encontrar nas livrarias o livro espírita de sua preferência, peça-o directamente através do Serviço de Reembolso Postal, pelo Fax (0XX16) 282-1647, home page: <http://www.oclarim.com.br> ou através do e-mail: oclarim@oclarim.com.br

Também fornecemos gratuitamente, desde que solicitado, o catálogo dos livros por nós editados.

CASA EDITORA O CLARIM

Rua Rui Barbosa, 1070 – CEP 15990-000 – MATÃO – SP

Fique bem informado sobre o Espiritismo no Brasil e no Exterior.
REVISTA INTERNACIONAL DE ESPIRITISMO

Torne-se assinante destes dois periódicos mensais.
Memória sãraeenüral e wsMsmãçie Fstsmie da resnsse íe memória